Maio 2018 | www.ovnipesquisa.com.br

OVNI PESQUISA

Ano 1 | nº 1
R$ 20,00
Brasil

CIPFANI

Entrevista

Marcos Pontes

"O universo é muito grande para apenas um planeta ser habitado."

Ufologia Avançada

O mundo fantástico dos falsos contactados, seres "iluminados" portadores da verdade e mensageiros da Nova Era.

Matéria especial

Ilha de Páscoa

ENGENHARIA REVERSA

Governos utilizam tecnologia alienígena?

Perigo na ufologia

Ufólogos se arriscam em pesquisas de campo, em busca de evidências do fenômeno OVNI.

Mariana, MG

Luzes, bolas de fogo e estranhos objetos são relatados por moradores.

ANO 1- Nº 1 | Maio de 2018

A revista OVNI Pesquisa é um encarte especial do jornal O Espeto.
CNPJ 03634671000/100
Rua Olympio Diniz, nº 269
Passagem de Mariana - Mariana, Minas Gerais
CEP: 35421-000

Cipfani: Rua Dorinato Lima 220, Bairro Amazonas, Contagem, MG
Cep: 32223-160 - (31) 99426-5326
cipfani@hotmail.com

Expediente

Editor
Paulo H. Baraky Werner
DRT 14060/MG

Revisão
Fernanda Baraky
Leandro H. dos Santos

Consultor de arte
Márcio Vicente Teixeira

Diagramação
PW Desenhos

Consultores

Albert Eduardo - Belo Horizonte, MG
Aloysio Carvalho - Belo Horizonte, MG
Edison Boaventura Júnior - SP
Fábio Gomes - SP
Isaac Rangel M.Silva - Mariana, MG
Leandro H. dos Santos - Mariana, MG
Márcio V. Teixeira - Sintra, Portugal
Nelson Pescara - SP
Rogério Duarte Ferreira - Mariana, MG
Sérgio Santana - Aracaju, SE

OVNI Pesquisa é uma realização do Cipfani - Centro de Investigações e Pesquisas de Fenômenos Aéreos Não Identificados, especializada na pesquisa do fenômeno OVNI. Criada com a finalidade de difundir a ufologia de forma estritamente científica, sem associações com grupos políticos ou religiosos.
As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Todo o conteúdo será disponibilizado para download no site da publicação. Reprodução de partes permitidas, desde que citada as fontes e a finalidade não tenha cunho financeiro.

Fundado em 1991

CIPFANI
Centro de Investigações e Pesquisa de Fenômenos Aéreos Não Identificados

OVNI PESQUISA Brasil

www.ovnipesquisa.com.br

"A melhor revista que não existe" acaba de chegar as suas mãos!

Um fenômeno extraordinário não é necessariamente fantasioso ou miraculoso e nada deveria ser julgado impossível, simplesmente porque é fora do comum e não condiz com as estruturas cognitivas da cultura vigente. O caminho correto é estudá-lo, investigá-lo, em busca de explicação.

No entanto, a atitude prevalece em grande proporção de pessoas, incluindo muitos cientistas, é negativa quanto às evidências que não se coadunam com suas expectativas. Essas pessoas, no dizer do filósofo Alfred Hill, se aferram aos seus preconceitos. "Sua educação e sua experiência, para não falar de seu atavismo mental – comenta Hill, as levam a reforçar sua crença de que certos fenômenos, mesmo confirmados pelas testemunhas mais dignas de crédito, são impossíveis".

Cada passo adiante da ciência revela um mundo novo sob um dia novo e o estudioso deve continuamente se adaptar à mudança de pontos de vista, formular hipóteses novas para tomar conhecimento de fatos novos. Se lhe fosse possível formular uma hipótese final e verdadeira, a ciência deixaria de existir. Lembra-nos Sertillanges que "as bases definitivas hão de faltar sempre à ciência – felizmente para a ciência".

No conceito do naturalista alemão Alexandre von Humbolt, "um ceticismo presunçoso que rejeita os fenômenos sem os examinar e sem admitir que eles possam ser reais, é mais repreensível, sob certos aspectos, do que uma credibilidade irracional".

Equipe Cipfani

Sumário:

OVNIs em Mariana	**5**
O que querem afinal?	**7**
A bússola da ufologia enlouqueceu?	**13**
A ufologia avançada é autoritária	**14**
Perigo de morte - Os desafios da pesquisa de campo	**16**
Ilha de Páscoa - Mistérios e OVNIs	**20**
Submarinos fantasmas - OSNIs em águas Argentinas	**26**
Entrevista - Marcos Pontes	**29**
Abduções - Dados quantitativos	**30**

Aeronaves utilizam tecnologia alienígena? **8**

Arte de capa: Márcio V. Teixeira

Arte: Paulo Werner- Foto:www.wired.com

A verdade está lá fora!

90% dos avistamentos são classificados como erros de interpretação e fraudes. Os 10% restantes, já são suficientes para justificar uma pesquisa. Ignorar isso é um dos maiores erros da ciência e o grande desafio da ufologia.

Paulo Baraky Werner

Pois bem, cá estamos! Uma revista trimestral que vai abordar o maior enigma da humanidade. Vida extraterrestre. Estamos sós no universo? Segundo as maiores autoridades científicas, não! Os números estão a favor de quem defende a tese de milhares de mundos habitados. Se a vida é bacteriana, ou milhões de anos frente a nossa em tecnologia não sabemos ao certo. A Ufologia, mesmo sendo uma pseudo-ciência, conseguiu durante mais de 70 anos, reunir um vasto material, que nos fornece elementos para sustentar nossas teorias. Fotos, vídeos, marcas no solo, em plantações, registros em radares, testemunhos de lavradores e controladores de voo. O fenômeno é democrático, não escolhe classe social ou cor. Não escolhe hora e lugar, podendo surgir altas horas da madrugada em uma zona rural, ou atravessar uma grande cidade bem na hora do rush.

Onde estão as provas? Depende. Que tipo de provas? Se for um ET vivo, infelizmente vamos ficar devendo. Se for uma nave Made in Marte, piorou. Mas há sim, milhares de evidências. E muitas delas, produzidas por órgãos de governo. Os documentos estão ai, à disposição de quem quiser. Evidentemente, os detratores se prendem aos pequenos detalhes, mas não tem coragem de esmiuçar a gama de elementos disponíveis, ou como citado acima, analisar os 10% restantes. Pois se o fizer, com certeza chegará à conclusão de que o fenômeno é real, e continua atuando em todas as partes do mundo.

Durante décadas, o estudo sofreu a interferência da chamada "ufologia avançada", que trocando em miúdos, ignora a pesquisa e acende velas para ETs. Crença não é ciência. Portanto, se formos aplicar o rótulo de "ufólogo" a todos aqueles que acreditam em ETs bonzinhos, mensageiros da Nova Era, a coisa fica fora do controle, perde o sentido. E é justamente isso que ocorre, infelizmente.

Mas sem alardes, a Ufologia possuiu um passado brilhante, principalmente aqui no Brasil, em especial em Minas Gerais, berço da primeira entidade civil dedicada ao estudo ufológico, o Cisoani, do saudoso Hulvio B. Alves (1926-2006). As bases da Ufologia científica, a qual todos conhecem, não é fruto da nova geração, mas sim, do trabalho incansável de vários pesquisadores, surgidos nas décadas de 50 até início da década de 90. E a nossa proposta é manter essa metodologia.

A revista OVNI Pesquisa pretende criar uma conexão direta com seus leitores. E para isso, utilizaremos o site, no qual haverá um formulário para envio de relatos, e também iremos cadastrar colaboradores e consultores em todas as capitais do Brasil. Iremos propor uma padronização dos grupos, todos utilizando os mesmos formulários e procedimentos de conduta. Tudo isso será debatido e analisado por todos os envolvidos. Aliás, isso não é uma ideia nova, quem acompanha o trabalho do Cipfani, sabe que isso é uma proposta idealizada há décadas. Mas, sempre há tempo de começar.

E sobre a revista, a experiência de anos de estrada dos consultores da OVNI Pesquisa conta muito neste novo e desafiador projeto. Dentre eles, Márcio Vicente Teixeira, Edison Boaventura, Nelson Pescara, Fábio Gomes, Albert Eduardo e a equipe do Cipfani, que já atua desde 1991. Também iremos contar com a colaboração de vários especialistas em diversas áreas, dando suporte em nossas pesquisas e análises.

É proveitoso quando os participantes debatem com honestidade e seriedade. E nós da OVNI Pesquisa convidamos a todos que participem conosco, nos mostrem nossos erros e qual seria a resposta correta dentro da ciência, e vamos juntos, montar esse quebra-cabeças que é o fenômeno OVNI.

Boa leitura a todos!

Contatos: www.ovnipesquisa.com
Paulo Baraky Werner
cipfani

Pesquisa

Vigílias:
Como realizar

O local: Determine um ponto onde ocorra constantes manifestações de OVNIs. De preferência que seja em um local bem alto, tipo mirante.

Planeje a vigília com o tempo em condições de boa visibilidade. Pois de nada vai adiantar realizar uma busca se o tempo estiver chuvoso ou nublado.

Caso não conheça o local, procure informações. Caso seja uma área pouco explorada, tente conseguir uma carta topográfica da região, ou utilize o Google Maps.

Equipe: Não exceda o número de integrantes além de 5 pessoas. Geralmente muita gente acaba atrapalhando.

Equipamentos necessários:

- Binóculos - Entre 7x50, 8x40 ou 10x50 (com tripé);
- Bússola;
- Filmadora(s) com tripé;
- Câmera Fotográfica semi ou profissional;
- Cronômetro;
- Planilha de anotações;
- Carta celeste (aplicativos disponíveis para celulares);
- Anotações sobre rotas de voos;
- Lanternas de foco direcional ou laser (para indicação);
- Lanternas vermelhas (para leitura no escuro);
- Barraca pequena;
- Garrafas de água, agasalhos, perneiras e bonés;
- Walk Talkie (em locais onde não há sinal de celular).

Atenção: Para preservar a facilidade e comodidade das observações não se deve escolher um binóculo com ampliação exagerada. Se esta for superior a 10x, o tremor das mãos torna a observação desconfortável, cansativa e mais difícil. Este problema, tanto mais incomodativo quanto maior for a ampliação e o peso do aparelho, evita-se montando o binóculo num tripé firme.

O mais importante é a qualidade dos equipamentos de registro, como as filmadoras e máquinas fotográficas. Lembre-se sempre de levar baterias reservas (pilhas) e use sacos plásticos para cobrir os equipamentos, tirando apenas na hora de fazer as imagens.

Procedimentos:

Elaborar uma conduta de atuação da equipe, em caso de um contato visual. Quem será responsável pela filmagem, fotografia, anotações, carta celeste e etc. Um segundo perdido pode ser importante, principalmente no registro de imagens.

As fogueiras devem ser evitadas, pois reduzem a capacidade visual e podem afetar a qualidade das fotos e filmagens.

Cheguem sempre de dia ao local. Pois lanternas de caçadores, faróis de carros, casas escondidas no meio da serra e outros elementos artificiais, podem gerar confusão. Ao chegar no local, com a ajuda de anotações e bússola, determine os locais de estradas, casas, lagos, trilhos, e qualquer outro que pode ser notado durante a noite.

O local da vigília pode ter dois objetivos. O primeiro, em virtude de alguma onda de avistamentos em determinada região, mesmo que o local não ofereça condições para uma pesquisa de qualidade.

O segundo seria a escolha de um local tipo mirante para uma vigília de rotina. Neste caso, o interessante é que o mesmo tenha uma visão de 360°, sem obstáculos, como árvores e pedras. E que não haja poluição luminosa.

Há durante o ano, chuvas de meteoros. Antes de organizar uma vigília, conferir as datas destes eventos astronômicos, evitando assim, possíveis erros de interpretação .

Em caso positivo no registro de algum fenômeno luminoso, marcar em formulários próprios, destacando as coordenadas de deslocamento, data e hora. E fazer uma mesma foto, de dia na mesma posição.

Hoje há drones que realizam filmagens de shows, e que podem chegar a grandes altitudes. Sempre é válido conferir se no dia da observação, haverá nas proximidades, algum evento deste porte.

Apps indispensáveis para o pesquisador

Escapist Games Limited

ISS Detector
É possível ver a Estação Espacial Internacional a olho nu! O ISS Detector emite um alarme 5 minutos antes que a Estação Espacial Internacional esteja acima da sua localização.
Download: Android

Satellite AR
O app é para quem quer observar e rastrear satélites ao redor da Terra em vez de objetos naturais. Você pode procurar em um banco de dados pelo satélite que quiser e apontar o dispositivo para o céu para que o aplicativo te mostre.
Download: Android

Carta celeste
O aplicativo, encontrado na App Store como Star Chart, destaca a localização de estrelas e constelações ao apontar a câmera do smartphone na direção do céu. Você ainda pode mudar sua localização e apreciar o céu noturno de outros pontos da Terra.
Download: Android | iOS

Google Sky Map
Aplicativo para Android que permite aos usuários viajarem livremente pelo universo e terem os planetas, constelações e demais objetos celestes na palma da mão.
Download: Android | iOS

Leandro H. dos Santos
Isaac Rangel
Acam - MG

Estranhos fenômenos em MARIANA

Mariana foi a primeira vila, cidade e capital do estado de Minas Gerais. No século XVIII, foi uma das maiores cidades produtoras de ouro para o Império Português. É uma região visitada por turistas de todo o mundo, atraídos por sua magnífica arquitetura e um passado repleto de glórias e mistérios. E ao que parece, além de turistas, Mariana também é alvo de outros visitantes, estes, sorrateiros e imprevisíveis.

Minas Gerais é considerado o Estado com o maior número de registro de OVNIs do Brasil. Aqui, desde 1954, com a criação do Cicoani - Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados, as pesquisas sobre o fenômeno tornaram-se mais constantes e muitos grupos de estudos e pesquisadores autônomos catalogaram durante mais de 5 décadas, milhares de relatos e várias evidências sobre a presença em solo mineiro destas estranhas aeronaves e seus tripulantes.

Há regiões em Minas que são classificadas pelos pesquisadores como "zonas de contato" por seu elevado número de ocorrências. Destaca-se nesta relação, a Serra do Cipó, região central, que engloba vários municípios e pequenos distritos. Evidentemente os números de relatos tiveram uma redução drástica desde a década de 80. O Cipfani, chegou a fazer um levantamento destes números. Será que o fenômeno OVNI realmente mudou seu "modus operandi"? Será que as "zonas de contato" já foram exploradas à exaustão? Normal se entendermos que há um propósito definido na atuação destes seres. Seria muita presunção acreditar que estariam aqui apenas a passeio, dando sustos em moradores da zona rural, e brincando com aviões militares de pega-pega. Há sim, uma organização, e somente o estudo in loco poderá definir esta questão.

Um dos motivos para a redução na observação de OVNIs foi batizado pelo Cipfani de "efeito parabólica" ilustrando um fato comum nas zonas rurais pesquisadas nas décadas passadas, com elevado número de observações. E após a chegada da luz e de antenas, alterou completamente a rotina do homem do campo. Antes acostumado a escuridão total e atento a qualquer fenômeno luminoso nos céus, teve as conversas nas ruas com os amigos substituída pelas novelas. Houve então uma redução nas testemunhas, não do fenômeno OVNI. Ele continua atuante. E dentre estes locais com in-

tensa casuística, destaca-se Mariana, situada a pouco mais de 120 km da capital mineira, possui um rico folclore e também inúmeras lendas, dentre elas, a do Caboclo d´água, ser antropomorfo, meio homem, meio réptil, que habita os rios da região, atacando criações dos povos ribeirinhos, e que segundo testemunhas é real.

A equipe da Acam, liderados pelo jornalista Leandro H. dos Santos, vem realizando levantamentos na região, e coletando dezenas de testemunhos. Casos antigos e recentes, que apenas retratam uma realidade comum em Minas Gerais. A observação de luzes, bolas de fogo, pequenas sondas (mãe do ouro) e até de naves imensas.

A seguir alguns relatos coletados em recente pesquisa de campo na região. (Reprodução da linguagem utilizada pelas testemunhas sem correções no texto).

A observação de "bolas de fogo" são comuns na região de Camargos, Mariana.

Luzes no céu de Mariana

No início do ano a equipe da ACAM esteve em Camargos, distrito de Mariana-MG, coletando relatos de moradores que alegam terem visto luzes estranhas no céu, leia um trecho da entrevista com as testemunhas Jorge Batista e José de Farias - Fazenda da Palha.

Acam: O que o senhor viu?

Jorge: Uma luz tipo uma bola de fogo.

Acam: Que cor era essa luz?

Jorge: Da cor da Lua.

Acam: Quando foi isso?

Jorge: No dia nove de outubro do ano de dois mil e dezessete (09/10/2017).

Acam: Como foi?

José de Farias: No dia nove de outubro o Jorge estava na lagoa pescando, eu e a Efigênia estávamos na horta. Por volta das 18h30 o Jorge me chamou para eu trazer uma isca para ele, aí quando desci, atravessei a porteira, veio um clarão mais ou menos uns três a quatro metros de distância, tipo uma roda de fogo ela tinha mais ou menos trinta a cinquenta centímetros de diâmetro e no meio dela um eixo ou um furo, isso eu não enxerguei direito não e o fogo rodando, nas bordas, no sentido horário numa velocidade mais ou menos controlada.

Bom, eu vendo aquilo passando devagarinho na minha frente e clareando tudo onde eu estava clareando a horta onde eu estava uma claridade azulada. Mas eu não pensei que poderia ser um objeto diferente, eu fiquei meio bobo na hora.

Na parte de trás do objeto tinha tipo um caixotinho com uma largura de uns trinta a quarenta centímetros com, tipo assim, umas fitas azul, vermelha, amarela e verde. Era a mesma coisa você pegar uma folha de papel e corta numa espessura de uns dez centímetros e com uns trinta centímetros de comprimento, mais ou menos, e deixar tudo misturadinho e abrir uma mangueira com oxigênio por baixa dela, aí elas ficam misturando umas nas outras, sabe? Tudo isso atrás dentro desse caixotinho.

A íeu fiquei olhando aquilo e ele foi assim, andando, eu sei que tive tempo de reparar a traseira do caixotinho, aí eu pensei que poderia ser uma brincadeira que alguém está fazendo, mas depois aquele troço foi para frente numa altura de uns três metros do chão, parou e depois sumiu. Aí depois escureceu tudo aí eu parei e falei assim: Mais que coisa mais linda! Eu falando sozinho (riso), mas o negócio foi bacana demais rapaz, você precisa ver. Mas escureceu tudo aí eu pensei: Que brinquedo é esse? Como é que estava claro e agora escureceu de uma vez, por quê? Então isso não é brincadeira de alguém não, eu pensando sozinho. Aí eu fiquei com aquele troço na cabeça, aí eu pensei assim:

- Ah vou chegar lá e vou contar para o Jorge (riso), né? Ele estava na lagoa e eu já ia. Bom, quando eu fui chegando lá o Jorge disse:

Jorge: Veio um negócio aqui, que...uma coisa estranha, eu vou contar para o pessoa do Espeto (Jornal) quando eles vierem aqui, mas eles não vão acreditar não, eles vão achar que é mentira, mas não é mentira não, esteve aqui agorinha mesmo.

José de Farias: Jorge não é mentira não, eu vi lá em cima quando eu estava descendo ,ele esteve pertinho de mim.

O problema é que ele não tem som, não tem temperatura, não tem nada não.

Acam: O senhor não ficou com medo não?

José de Farias: Fiquei não, para mim era uma brincadeira. Custei para a ficha cair que aquilo não era (riso) coisa que os outros estavam fazendo não.

José de Farias: Aí viemos embora por volta das...devia ser umas oito horas (20h) e no mesmo lugar nós ficamos conversando então avistamos uma Lua que já tinha sido nova (Lua crescente), e ao redor da "Lua" um círculo grandão ,aí eu falei com o Jorge assim:

- Oh Jorge aquilo parece ser Lua nova mas não é Lua não, ela já foi nova, não pode ser não.

Jorge: Mas é a Lua, olha lá.

José de Farias: Aí eu falei com o Jorge:

- Sabe por que não é a Lua?

- Ela está vindo de lá para cá (oeste/leste). Aí eu falei com Jorge:

- Parece que estamos enxergando coisa demais, vamos embora, vamos conversar com o pessoal lá (demais moradores da fazenda), aí nós viemos para aqui (fazenda) estava a Tita, o Igor e a Efigênia, aí quando nós contamos para eles a "Lua nova" vindo de lá para cá, ela estava no meio do céu e eles viram. No mesmo dia que nós vimos esse troço aqui, nós vimos essa Lua que não era Lua. Aí depois fui conferir (calendário), a Lua tinha sido cheia no dia quatro ou cinco para o dia nove ela deve ter sido nova... então... não tinha condição. Achei que nós estávamos delirando, mas não, o pessoal (moradores da fazenda) também viu (suposta Lua).

As entrevistas e outros relatos colhidos na região de Camargos e outros distritos estão no site da Acam. Acesse e conheça o trabalho. (Endereço abaixo).

ACAM
CAÇADORES DE ASSOMBRAÇÃO
MARIANA - MG

Sede da ACAM
Rua Olympio Diniz, nº 269
Passagem de Mariana - Mariana - MG

acammariana@gmail.com
31 98844 - 8976

acammg.com.br

Estranhos fenômenos em Mariana

Senhor Alipio Evangelista Borges, morador de Mariana há 70 anos, policial civil aposentado, relata uma experiência que aconteceu com ele e seus amigos que jamais esqueceu.

Era meio dia, muito sol, Alípio e seus amigos brincavam no Cruzeiro em Mariana, bairro Santana, por cima do ICHS. De repente uma luz muito forte, tamanho de uma porta, cor azulada, prateada, veio descendo pelos céus, caiu pertinho deles.

Admirados os meninos queriam saber o que eram, e chegaram perto, assim que aproximaram mais a tal "porta" subiu de volta para o céu. Todos ficaram assustados.

"Desceu e subiu, parecendo elevador. Era como uma porta. Muito bonito. Estavamos em sete pessoas.Todos nós vimos. Nunca esqueci."

O mecânico Zé Felipe, (foto ao lado) da autoelétrica Marquês de Pombal afirma que também viu em Mariana um fenômeno muito estranho, era uma bola de luz cor intensa, amarela e prateada:

"Fui testar a regulagem dos faróis do carro e subi para a estrada de Camargos. Uma luz forte ficou em cima do carro, que me atrapalhava a ver se o farol estava bom, quando olhei para cima, era como um farol, redondo, amarelo prateado, brilhante, acelerei e fui embora, mas a luz seguia o carro, parei de uma vez e a luz passou, fiquei com muito medo, achei aquela luz muito esquisita." OP

Paulo Baraky Werner

O que querem afinal?

Albert Eduardo

Analisando os casos por mim pesquisados, bem como de outros pesquisadores sérios aqui no Brasil e de outros países, percebi que havia algo de muito errado. Ao contrário do que alguns pesquisadores insistem em dizer, os atos dos nossos visitantes caminham em direção oposta. Enquanto alguns pesquisadores pregam a paz e amor dos nossos visitantes, o que eu percebo em minhas viagens ao meio rural é que nossos visitantes não estão nem aí para nós, seus atos agressivos contradizem muito do que é dito sobre o assunto. Talvez é aí que a Ufologia se divide entre mística e científica. Os adoradores dos ETs defendem a tese que eles estão aqui para nos ajudar, estão aqui para fazer o bem. Há grupos que se isolam em altos de serras em comunidades dizendo que são orientados por ETs. Aí acontece de tudo, menos a realidade. Todos estão de uma forma ou de outra buscando fugas, escapismos dos problemas cotidianos. Enquanto isso, do lado científico as coisas se tornam cada vez mais preocupantes. Percebi em minhas entrevistas que as pessoas que tiveram contatos próximos tinham traumas físicos e até psicológicos. O medo é justificado, pois o comportamento dos visitantes não se parece nada amistoso. Imagine a típica cena de um transeunte naquela escuridão rural dar de cara com uma nave profusamente iluminada, ter de sair correndo às cegas tropeçando caindo ribanceiras abaixo, rasgando braço em cercas de arame farpado, quase sendo sequestrado por seres que ele nem imagina de onde vem!

Dentre tantos casos pesquisados têm aqueles que eu classifico de mais absurdos: gente que era levada a bordo destas naves estranhas e se deparavam com seres de aparências bizarras, que faziam neles experiências dolorosas tirando sangue, raspando pele, cortando mechas de cabelo, unhas, injetando coisas em seus corpos e até colhendo espermas e óvulos, alguns membros da área mística tentam amenizar a despeito destas atrocidades, usando a palavra "abdução" que quer dizer também afastado, arrancado, extraído, puxado, sacado, tirado, desviado, enfim, sequestrado dentre outras, aliás sequestro é uma violência. E tinha gente que quando era devolvida eram deixadas a quilômetros de onde estavam como soldado da policia militar mineira José Antônio da silva, que foi levado de Pedro Leopoldo e solto em Colatina, Espírito Santo (Caso que será publicado em breve). Existem casos de pessoas que perderam completamente a memória, inutilizados para uma vida normal, deu para perceber então como a conta não fecha? Pois bem, alimentar essa ideia de que esses visitantes estão aqui fazendo turismo espacial? Pera aí, vamos ser realistas, nenhuma civilização viaja distâncias estelares para vir aqui simplesmente observar como nós vivemos, essa forma simplória e muito ingênua como que muitos pesquisadores místicos veem os nossos visitantes contradiz com sua agressividade. Vamos tentar olhar de uma forma diferente, como se fabrica um disco voador? Será que discos voadores, lá de onde eles vêm nascem em árvores? Claro que não, aquele metal, seja lá ele qual for que compõe a nave tem de ser industrializado, de alguma forma, aquele botão que se aperta para abrir portas também, vidros ou coisas similares, pois, em muitos casos as naves têm janelas, vai aí outro tipo de indústria. Os motores de propulsão e etc. Aí eu pergunto: se têm indústrias tem de ter gente trabalhando. Agora qual o tipo de remuneração? Como podem perceber lá não é tão diferente daqui. Pode se dizer que é mais avançada a tecnologia, mas....essa utopia de dizer que eles vêm de um planeta que não tem morte, conflitos, problemas cotidianos me faz parecer mesmo um mundo bem sem graça para se viver. Olha, conflitos de ideias, formas de pensar diferente é o que faz um povo evoluir.

E estes seres podem estar aqui, entre nós. E já venho pesquisando sobre isso há décadas. Mas, isso é um assunto pantanoso, o qual irei abordar em edições futuras. Com algumas revelações surpreendentes. Talvez a célebre frase, "eles estão aqui" seja bem mais direta do que muitos pensam. OP

Albert Eduardo
ampeuufo@hotmail.com

Engenharia reversa

Aeronaves utilizam tecnologia alienígena?

Quais as tecnologias geralmente consideradas "alienígenas" são empregadas em aeronaves? "OVNI Pesquisa" lança luz sobre o assunto.

Sérgio Santana

Tesouro de Quimbaya, um dos pingentes encontrados e curiosamente, apresentando um design bem próximo das aeronaves atuais

Ao longo da História, a Humanidade tem vivenciado uma constante evolução tecnológica em vários campos de atividade.

A aviação é um dos campos em que se testemunha uma das maiores frequências em avanços técnicos, mas é também um dos assuntos mais classificados como sendo de "origens alienígenas".

Uma das razões para este entendimento pode ser encontrada na literatura da Ufologia. Nela, bem antes que Alberto Santos Dumont e os irmãos Orville e Wilbur Wright se lançassem aos céus com as suas aeronaves mais pesadas que o ar, há registros de testemunhos e mesmo modelos de veículos aéreos, como são o caso das "Vimanas" e do "Tesouro de Quimbaya".

As Vimanas eram máquinas voadoras mencionadas e descritas na mitologia indiana, como sendo capazes de voar tanto na atmosfera terrestre quanto no espaço e mesmo navegar sob a água. Variavam em dimensões e mesmo nos sistemas de propulsão, podendo ter dois motores (como as "agnihotra-vimana", a palavra "agni" significando fogo, sugerindo que houvesse alguma forma de propulsão a jato) ou mais propulsores (tais como as "gaja-vimana", com "gaja" sendo elefante em sânscrito, dando a entender que motores gigantescos impulsionavam a nave).

Já o "Tesouro de Quimbaya" é mais recente, tendo sido descoberto em novembro de 1890, em um local chamado La Soledad, cerca de 30 km da Vila de Filandia, onde atualmente está a província de Quindío, na Colômbia.

Dentre os seus 122 itens, datados de cerca de 1000 a.C. e confeccionados em ouro em honra a seis membros da nobreza local enterrados em duas covas, chamam atenção quatro pingentes, que apresentam clara semelhança com a configuração aerodinâmica de uma aeronave moderna.

Em 1994 foram construídas réplicas aumentadas destes modelos, que voaram efetivamente após terem sido equipadas com rádio controle.

Tecnologias das aeronaves humanas associadas às espaçonaves alienígenas

Dentre as características das espaçonaves alienígenas afirmadas em testemunhos constam que as mesmas são capazes de elevar-se e sustentar-se verticalmente, de mudar de direção mesmo em trajetória reta de voo, executar curvas em um espaço tão pequeno que parecem "quadradas" e de aparecer repentinamente.

Vimana é um veículo voador mitológico, descrito na literatura antiga da Índia. Referências a veículos voadores são comuns nos textos hindus antigos,que, inclusive, descrevem seus usos na arte da guerra.

A capacidade de voo no sentido vertical, mudança de direção e execução de curvas em espaço restrito com aeronaves de propulsão a jato, surgiu em 1956, após o engenheiro francês Michel Henri Marie Joseph Wibault (1897-1963) ter patenteado dois anos antes o seu "Giróptero", uma aeronave que conseguia elevar-se verticalmente do solo com o auxílio de um motor instalado no meio da sua estrutura e cujos gases de exaustão eram distribuídos em quatro bocais móveis, que poderiam ser direcionados para frente (fazendo com que a aeronave voasse para trás), para trás (movimentando a aeronave no sentido oposto) e para baixo (proporcionando a sua sustentação no sentido vertical). Wibault desenvolveu a ideia como uma solução de avião que não necessitasse de pistas de decolagem/pouso, deste modo escapando dos devastadores ataques nucleares que poderiam ser desfechados pela então União Soviética, naqueles primeiros anos de Guerra Fria.

Posteriormente o conceito foi aproveitado em aeronaves militares, tais como os caças britânicos British Aerospace Harrier/Sea Harrier, que estrearam operacionalmente na Guerra das Malvinas/Falklands em 1982, durante a qual demonstraram a sua capacidade de voo estacionário (ou parado, como um helicóptero) e de reverter trajetória de voo e curvar em níveis até então inéditos.

Mais recentemente, esta mesma ideia, denominada "empuxo vetorado" (ou direcionado), foi elevada a outro patamar, com o motor não mais posicionado no centro da aeronave, mas na parte traseira da mesma, uma configuração mais tradicional. Bocais na saída dos gases de exaustão direcionam o empuxo para ambos os lados e para cima/para baixo (ao contrário do que ocorre normalmente quando só há tração

para frente), fazendo com que a aeronave passe a impressão de ficar "pendurada" e mesmo girar em torno dos motores durante exibições aéreas e mesmo manobras de combate.

Um exemplo de aeronave com esta capacidade são os afamados modelos Sukhoi Su-30/35 Flanker, de procedência russa.

Já o fato de aeronaves alienígenas aparecerem "de repente" ou de maneira silenciosa, remete à ideia de "invisibilidade aos radares" ou tecnologia de furtividade, mas que na prática está condicionada a fenômenos puramente físicos.

Na prática, um radar (sigla em inglês para "Radio Detection and Ranging", detecção e determinação de alcance por rádio) é um equipamento que emite ondas eletromagnéticas com a finalidade de detectar a presença de um objeto e determinar a sua distância em relação a este.

Para a obtenção de ambos os intentos é necessário que uma determinada quantidade daquelas ondas seja refletida pelo objeto encontrado e captada pelo dispositivo que as emitiu. Se isto não ocorre do modo previsto nas especificações do equipamento então a detecção do objeto e a determinação da distância em que se encontra em relação ao equipamento tornam-se prejudicadas, podendo ocorrer apenas quando o objeto estiver mais próximo da fonte emissora das ondas.

Para que as ondas emitidas sejam adequadamente captadas no seu trajeto de volta, elas sofrem a ação de dois fenômenos físicos: a reflexão e a refração. No primeiro caso, o ângulo de incidência (ou seja, o ângulo em que as ondas atingem o objeto) tem de ser igual ao ângulo de reflexão (o ângulo em que tais ondas são refletidas por esse objeto). Este ângulo pode ser modificado de duas maneiras: quando o formato e/ou o material do objeto possibilita que as ondas sejam refletidas em várias direções ou quando o seu revestimento externo absorva parte dessas ondas, em ambos os casos impedindo que uma quantidade adequada das mesmas retorne ao equipamento que as emitiu, possibilitando que o objeto seja detectado e a sua posição determinada.

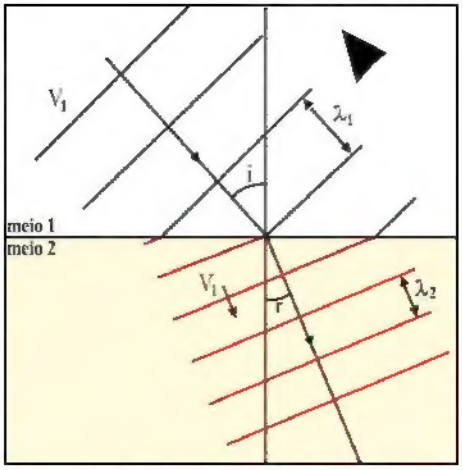
Já a refração está relacionada à alteração da velocidade de propagação da onda de acordo com o meio em que ela se propaga. Se, por exemplo, a onda é inicialmente emitida em um meio com umidade baixa a sua velocidade mudará quando ingressar em uma porção do céu repleta de nuvens.

Em conjunto, estas duas variáveis são indispensáveis no projeto de aviões stealth, aeronaves com a finalidade de obter baixo índice de reflexão radar, simbolizada pela sigla RCS (Radar Cross Section, Seção Tranversal de Radar), medida em metros ou pés quadrados. Quanto mais baixa essa medida, maior o índice de furtividade da aeronave. Curiosamente, a primeira aeronave considerada como possuindo capacidade stealth data ainda da Segunda Guerra Mundial, o modelo Horten Ho IXb, também conhecido como Horten Ho-229, revestida em madeira e projetada para atuar como caçador de bombardeiros.

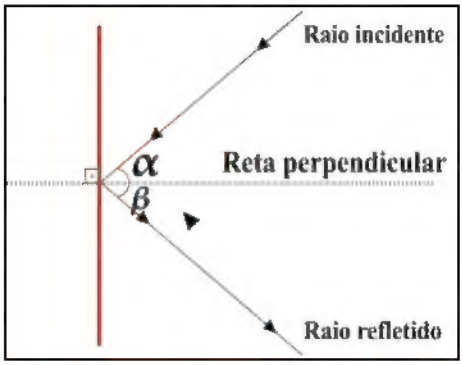
Tal como aconteceu com o conceito de decolagem e pouso verticais, o de furtividade também evoluiu e está presente em aeronaves que se constituem nos mais avançados parâmetros tecnológicos na sua área, tais como a aeronave de reconhecimento estratégico norte-americana Lockheed SR-71 Blackbird (em verdade uma evolução de um projeto que buscava diminuir o RCS de outro produto da companhia, o U-2 "Dragon Lady") e o modelo de caça Lockheed Martin F-22A Raptor.

É digno de nota que todos os radares aéreos possuem uma faixa de velocidade mínima e máxima fora da qual estes equipamentos não detectam a presença de um objeto, limites estes planejados para que o dispositivo não fique saturado ao detectar todos os objetos móveis. Isto explica, em parte, porque há casos em que testemunhas asseguram ter visto um objeto voador não identificado, embora a presença deste não tenha sido confirmada pelos órgãos de controle de tráfego aéreo.

ARTE: MÁRCIO V. TEIXEIRA



Acima: Esquema demonstrativo do fenômeno da refração.



Ao lado: Esquema demonstrativo do fenômeno da reflexão.

Aeronave russa de caça e ataque Sukhoi Su-35S "Flanker-E": seus motores possuem capacidade de vetoração de empuxo, possibilitando amplitude inigualável de manobras em combate.

Aeronave norte-americana de caça e ataque Lockheed Martin F-22A Raptor: seus propulsores também possuem capacidade de vetoração de empuxo, embora em uma amplitude mais restrita de movimentos.

FOTOS DIVULGAÇÃO

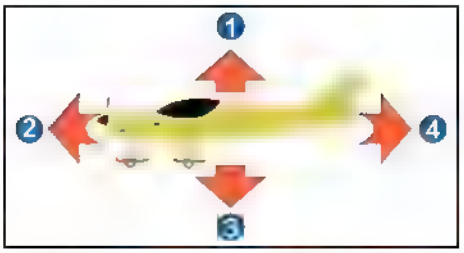
Horten Ho-229, a primeira aeronave com propriedades de furtividade.

Outra explicação para tal fato é que estas espaçonaves possuam algo como um bloqueador de ondas eletromagnéticas, de origem e funcionamento ainda desconhecidos ou ao menos não publicados.

Os princípios físicos do voo na atmosfera terrestre o mito da "engenharia reversa".

A despeito da sua forma aerodinâmica qualquer objeto projetado para deslocar-se na atmosfera terrestre está sujeito a quatro forças que atuam sobre ele, quais sejam a tração, o arrasto, a sustentação e o peso.

A tração é a força produzida pelo conjunto propulsor (que no caso dos modelos de Quimbaya é representado pelo seu arremesso no ar) e se opõe diretamente ao arrasto, que é uma força de resistência contra o avanço do objeto para frente, mas direcionada para trás. Aqui se tem a materialização da denominada Terceira Lei de Newton, popularmente conhecida como a Lei da Ação e da Reação, segundo a qual a toda ação corresponde uma reação em sentido oposto e na mesma intensidade. Em relação ao voo esse fenômeno pode ser demonstrado quando um sistema propulsor impulsiona uma aeronave para frente, como quando motor a jato expele gases na traseira de uma aeronave fazendo com que a mesma avance ou vá para cima no caso de um foguete.



Esquema das quatro forças que atuam sobre o voo na atmosfera terrestre

Já a sustentação, gerada por motores e/ou por pressão aerodinâmica na parte inferior de uma asa, é a força que atua para cima, quando o seu valor supera o peso gerado pela força da gravidade, o peso, que insiste em manter o objeto no solo

Considerando este jogo de forças, é perfeitamente possível que as Vimanas, caso realmente tenham existido, sejam modelos precursores dos foguetes atuais, pois não constam que tenham possuído asas.

Por outro lado, ao voar, o modelo de Quimbaya comprovou a sua validade enquanto possuindo capacidade aerodinâmica de elevar-se e manter-se no ar. O seu formato básico tem sido adotado como modelo de configuração aerodinâmica na grande maioria das aeronaves modernas, pois possui profundores (pequenas asas colocadas nas laterais traseiras do modelo, responsáveis pelo movimento para cima ou para baixo em uma aeronave real) e uma deriva (estrutura vertical posicionada na extremidade traseira do modelo, que em uma aeronave real contém o leme, responsável pelo movimento da aeronave para um lado e para o outro).

A evolução do design da configuração aerodinâmica das aeronaves de um modo geral fez com que fossem instaladas nas asas principais, já apresentadas no modelo de Quimbaya, peças denominadas ailerons (palavra francesa para "asas pequenas"), responsáveis pelo movimento da aeronave para a direita ou para a esquerda

O mesmo raciocínio aplica-se em relação às alterações repentinas de velocidade, nas quais os objetos voadores não identificados e também as aeronaves humanas estão necessariamente sujeitos a outro princípio do voo, de acordo com o qual a carga gravitacional (medida em "G", cujo valor é 9,81m/s, representando a gravidade padrão a que estamos submetidos na superfície terrestre, quando temos apresentamos o nosso peso corpóreo real, peso este que será aumentado na mesma proporção em que aquele valor for se elevando. Assim, sob a

Lockheed SR-71A Blackbird, uma das aeronaves cujo design é erroneamente (e frequentemente) considerado como sendo de origem alienígena

FOTOS DIVULGAÇÃO

Bombardeiro Northrop Grumman B-2A Spirit: outra aeronave cujo design é equivocadamente associado como sendo de origem alienígena

aceleração de 2 "Gs" um corpo pesando 50kg passará a ter o dobro e assim sucessivamente) é proporcional ao quadrado da velocidade, ou seja, ela é quatro vezes maior que a velocidade em que um objeto voador se desloca em dado momento. Em testes geralmente efetuados por forças aéreas para avaliar a tolerância de seus pilotos de combate à força G, nos quais estes são acomodados em centrífugas que aceleram progressivamente, ficou comprovado que o corpo humano suporta o valor de 9 Gs e mesmo assim por muito pouco tempo, devido ao risco de danos irreversíveis aos seus órgãos internos.

Ainda nessa questão, qualquer objeto voador tripulado, por humanos ou não, executando manobras e variações de velocidade como as atribuídas aos OVNIs, levaria a que seus ocupantes fossem esmagados contra a estrutura internas das naves ou tivessem seus órgãos vitais irremediavelmente danificados. Isto porque em voo estão sujeitos à Primeira Lei de Newton (também conhecida como "Lei da Inércia"), segundo a qual um corpo parado tende a permanecer em repouso, estado que é alterado quando uma força o coloca em movimento, do qual acompanha a intensidade

O efeito da aceleração gravitacional sobre o corpo humano é atenuado pelo uso, por pilotos de combate, de um "traje anti g", composto de bolsas posicionadas no abdome e pernas. Quando a aeronave executa uma manobra brusca ou curva fechada, estas bolsas inflam, impedindo que o sangue desça da cabeça para a parte inferior do corpo. Ainda assim, esta atenuação é parcial, visto que geralmente os pilotos experimentam o escurecimento da visão (causado pelo fluxo aumentado da circulação nos vasos sanguíneos dos olhos) e mesmo perda de consciência por breves momentos, em um fenômeno conhecido como G-LOC (Gravity induced Lost Of Conciousness, perda da consciência induzida pela gravidade).

Para anular totalmente o efeito da aceleração gravitacional e da inércia (propriedade inerente a todos os corpos) ser a necessário conhecer como OVNIs se comportam da maneira que lhe é atribuída e o efeito disso nos seus tripulantes e, principalmente, como tais efeitos são bloqueados.

Ocorre que, tanto quanto é possível verificar através de informações publicadas acerca da pesquisa de prováveis OVNIs resgatados e da tecnologia empregada em aeronaves militares ou civis tripuladas, nada neste sentido tem sido visto nos modelos atualmente em uso ou mesmo em desenvolvimento.

Assim, a tecnologia vista em aeronaves sofisticadas e frequentemente reputada como "alienígena" encontra explicação perfeitamente fundamentada nas leis físicas que regem o voo e na evolução histórica destes avanços. OP

Sérgio Santana - Bacharel em Ciências Aeronáuticas (Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL); Pós-graduando em Engenharia de Manutenção Aeronáutica (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-MG) Autor do livro Embraer EMB-145 ISR, Programa-Versões-Operadores-Emprego (C&R Editorial, 2012) e co-autor de Beyond the Horizon- The History of AEW&C Aircraft

E-mail: srscerqueira@gmail.com

A bússola da UFOlogia enlouqueceu?

Nelson Pescara

Há certo interesse entre os mais jovens nos dias de hoje em saber como tratávamos a ufologia quando nela ingressamos. É compreensível essa curiosidade. O caráter enigmático do fenômeno, sua natureza multiforme, e a não menos multifacetada abordagem por parte de grupos heterogêneos, quer em suas ações, quer em suas ideias, quer em suas teses, quer em seus acalorados (e nem sempre amigáveis) debates, em nada contribuem para que os aficionados da ufologia de hoje saibam que rumo tomar. O quadro com o qual os jovens se deparam assim que procuram situar-se frente ao problema, ou por curiosidade, ou por que busquem respostas às questões transcendentais da natureza humana é, para dizer o mínimo, caótico. Um painel abarrotado de relatos insólitos, quando não, incompreensíveis, sujeitos a um viés interpretativo conforme aflora nossa suscetibilidade ante os fatos, é o que de mais comum temos pela frente. Isso tudo porque não soubemos ou não tivemos como transformar o trigo ufológico colhido na casuística em pão sovado e servido ao faminto que dele necessita. Ou então, não estamos certos de nosso objetivo quando divulgamos a ufologia ao grande público, supondo que, assim procedendo, estamos ampliando a base popular de apoio a um propósito de interesse universal. Resta-nos perguntar se o povo, de modo geral, está realmente interessado em ufologia. Desconhecemos qualquer pesquisa nesse sentido. Mas, temos lá nossas dúvidas.

Lá atrás, quando começamos a nos inteirar desse fenômeno, nossa reação outra não poderia ser senão a de espanto. O planeta Terra estava sendo visitado por objetos desconhecidos e seus tripulantes. A humanidade não era um capricho da natureza e o ser humano não estava isolado no universo. Enfim, tínhamos companhia, era o que pensávamos. Em algum lugar do cosmos, num orbe talvez bem semelhante ao nosso, perto ou distante, não importava muito, havia alguém inteligente, quiçá antropomorfo, e esse alguém nos descobrira. A juventude se sobrepondo à experiência, a fantasia e o deslumbramento ofuscando o bom senso. Mas, passado o momento de espanto, aquele friozinho na barriga do espectador de quando se abre a cortina e o primeiro ator adentra o palco, sobreveio a realidade. O primeiro desconforto foi não ter o visitante nos saudado. Fosse quem fosse não desceu de sua nave, não nos procurou, sequer se deixou ver. Limitou-se a sobrevoar nosso planeta uma vez, duas vezes, dezenas de vezes e desaparecer. Com o lento passar do tempo, como nossos visitantes teimassem em não se apresentar publicamente, embora suas naves fossem vistas em nossos céus, sobrevelo a dúvida. Com isso, alguns se desiludiram e se afastaram, conquanto outros, mais teimosos, ou mais persistentes, insistiram em especular, em prosseguir, e em buscar respostas para um sem número de questões que ainda hoje martelam as consciências de todos nós. Aquela desilusão da criança que não ganhou o doce, e a apatia que fatalmente sobreviria em seguida, teve ainda um capítulo surreal a dar-lhe um colorido todo especial quando o eminente físico teórico, Enrico Fermi, pondo água na fervura ufológica, desafiou-nos com um repto paradoxal. "Se eles existem, onde estão todos?".

Era verdade. É continua sendo verdade. Onde estão os alienígenas? Estão aqui, estão entre nós, é a resposta óbvia de todo ufólogo bem informado. Estão na Terra, estão na Lua, e estão espalhados por vários objetos celestes do nosso sistema solar. Uma conclusão lógica quando baseada nas evidências incontestáveis e fartamente documentadas nos meios ufológicos. Mas isso não basta, não bastou até agora. Temos sido pródigos em correr atrás de discos voadores. Mas por não estarmos preparados para um tão singular desafio, não temos sido pródigos em documentar tais relatos com o requinte que o procedimento acadêmico assim o exige. Como esperar então que tais fatos sejam aceitos como a constante de uma equação cujas incógnitas já fez cérebros privilegiados entrarem em parafuso?

A despeito de tudo, de um dossiê casuístico incomensurável, citado lá atrás, não temos como apresentar uma única prova insofismável. E sem isso, nosso arcabouço ufológico, que por sua natureza física devia ser motivo de estudos superiores está, a pouco e pouco, transformando-se em objeto de crença. A descomunal documentação colhida e espalhada pelos quatro cantos do mundo não se encontra escoimada das fraudes corriqueiras, não foi expurgada de suas bobagens costumeiras, e não está servindo para consolidar o alicerce sobre o qual construiríamos uma nova ciência: O Conhecimento Ufológico! Não fizemos isso. Talvez não nos tenha ocorrido que uma iniciativa nesse sentido, o "índex" positivo do disco voador, endossado por todos os renomados ufólogos do mundo, faria mais pela ufologia que décadas de casuística e teoria. Por conta disso, e por conta de um sem número de distorções que se registram aqui e ali face às idiossincrasias que permeiam nosso trabalho conjunto, alguns produtivos, outros nem tanto, é que a torre de babel ufológica ameaça ruir sobre si mesma e virar pó ante nossos olhos estupefatos. Disto se aproveitam os profetas de ocasião, os anunciadores de um admirável mundo novo (não o do Huxley) e tantas quantas correntes místico-religiosas vislumbram aí a oportunidade de ouro para oferecerem a seus seguidores a tão sonhada salvação da alma, ou de corpo inteiro.

Neste início de século estamos consumando seis décadas daquilo que se convencionou chamar de ufologia moderna. E é com tristeza que vemos os pioneiros dessa empreitada se afastando gradativamente da arena de luta. Uns por idade avançada, outros porque já não acreditam que o progresso logrado até aqui não vá além do próximo avistamento, outros ainda porque julgam ter se enganados com suas teses primeiras, e hoje, para espanto daqueles que permanecem fieis às suas origens, negam peremptoriamente tudo o que antes afirmavam. Fato é que os tempos mudaram, porém o insólito fenômeno ufológico continua desafiando-nos com sua presença constante e ameaçadora em nosso sistema solar. Até quando?! Não sabemos! Neste ponto, ante as duras críticas que tecemos aqui, convém um reparo: é provável que todos se lembrem de que em manifestações anteriores não economizamos elogios à ufologia praticada hoje no mundo por um punhado de pessoas sérias e bem intencionadas. Em certos aspectos isso é verdade, e foram elogios na justa medida de tudo o que foi feito de bom. Contudo, é chegada a hora da reflexão. Refletir significa mudar de rumo. Precisamos encarar os fatos. A bússola da ufologia enlouqueceu! Alguém precisa remarcar o norte verdadeiro para que retomemos o rumo. OVNI

Nelson Pescara
nelpes@ig.com.br
nelson.pescara

Fotomontagem. Divulgação

A "UFOlogia Avancada" é autoritária

Aloysio Carvalho

Desde a década de 1950, os extraterrestres tomaram o lugar dos anjos. No movimento Nova Era, inúmeros cultos e seitas, centrados em "Gurus" orientados por ETs vendem a nova mensagem dos céus, um conforto celestial diretamente de outro planeta, e disputando espaço com as igrejas e místicos tradicionais.

Um dos pilares da ciência é que as regras são universais, portanto, experimentos idênticos precisam produzir resultados idênticos. Como gostam de repetir os místicos, "Assim Acima Como Abaixo", as mesmas leis que regem as galáxias, também regem as estrelas, os planetas e os experimentos laboratoriais.

Por isso a maior crítica à Ufologia como ciência é sua impossibilidade de reproduzir em laboratório. Mas apelamos para a mesma exceção que rege a história, antropologia, sociologia, etc: Sendo impossível repetir em laboratório, precisa ser amplamente repetido no ambiente de estudo. Por exemplo, relatos históricos, comportamentos sociais ou observações ufológicas. São fenômenos consistentes, repetitivos e com múltiplas testemunhas, ou fontes, inclusive observadores simultâneos independentes. E ainda abundam outras evidências materiais, registros eletrônicos e em filme, radares, marcas, etc.

Aí chegamos à face autoritária dos "contactados": Somente UMA pessoa teve a experiência, que não pode ser repetida, não tem outras testemunhas, não é consistente nem repetitivo, e a única "fonte" é o relato pessoal, sua autoridade de contatado. Vira questão de FÉ!

Se você tem FÉ, você acredita no contatado, canalizador ou abduzido. E neste momento aflora o lado autoritário: Além de acreditar, você precisa aceitar que, seja o que for, é um conhecimento superior, inquestionável. Virou um DOGMA!

E o que a ufologia nos mostra nestes casos é a completa inconsistência esperada de criações diversas de pessoas com uma agenda diversa da verdade: O sol é frio, discos voadores são seres vivos "racionais superiores", bombas atômicas são perigosas, a humanidade precisa evoluir para integrar a Federação Galáctica dos Embusteiros!

Mas .. e se os contatados estiverem falando a verdade, repetindo o que ouviram, e não forem eles inventando essas "revelações"?

Aí tanto pior, quer dizer que os contactantes, sejam quem forem, estão enganando os contatados e os levando a divulgar inverdades, e a escolha dos contatados não faz nenhum sentido, por que um anônimo sem voz ao invés de um cientista ou líder global? Qual a agenda que move essas escolhas de pessoas e temas? Por que viajantes de outros mundos precisariam criar uma SEITA, com seguidores em outro planeta?

Em ambos os casos, tudo se resume a UMA pessoa, citando uma entidade superior, que é tão superior que escolheu essa uma pessoa anônima ao invés do Papa, do Secretário-Geral da ONU, do Bill Gates ou na Madonna, que seriam muito mais eficientes em difundir uma suposta "mensagem superior"... E novamente, se vale da AUTORIDADE do "Eu estou dizendo que me disseram", mas diferente de todos outros contatados.

Por isso o CIPFAN adota a postura cientifica de sermos cautelosos, céticos em relação a muitas coisas na ufologia. Um cientista não usa sua fé, se o fizer, vai conseguir criar uma teoria errada, que não se adequa aos fatos, mas satisfaz suas crenças. Assim, mantemos distância da corrente "mística" da UFOlogia, entre outros motivos, também porque os ET's podem ser mentirosos e estarem enganando os contatados e até mesmo os que julgam escolhidos e iluminados OVNI

Aloysio Carvalho
aloysio@hotmail.com
aloysioc

PÉROLAS INTERGALÁTICAS

"Nosso DNA deve passar por um processo de desprogramação total para que possa ser transmutado em GNA, que será o novo gene que nos dará uma nova conduta, uma nova estrutura física, a qual nos levará na evolução para a 5ª dimensão."

Trigueirinho, c.1996.

"Os OVNIS são Habitantes do mundo Racional, sua forma é de corpos de Energia de Massa Cósmica Racional, uma massa cósmica pura, limpa e perfeita. (...) Eles chamam a atenção de todos para olharem para cima e para provar e comprovar que existem habitantes em outros mundos, é a causa dos habitantes se transformarem em discos voadores para todos sentirem que dentro daquele disco existem passageiros, habitantes de outro mundo."

Cultura Racional, 1935.

"Os Venusianos vieram aqui nos avisar do perigo das guerras nucleares".

George Adamsky, 1952.

"Minha identidade é Asthar, Comandante do Setor Quadra, Estação de Patrulha Schare (...) Nós estamos preocupados, todavia, com sua tentativa de explodir o elemento hidrogênio (...) quando eles explodirem o átomo de hidrogênio, eles vão extinguir a vida neste planeta."

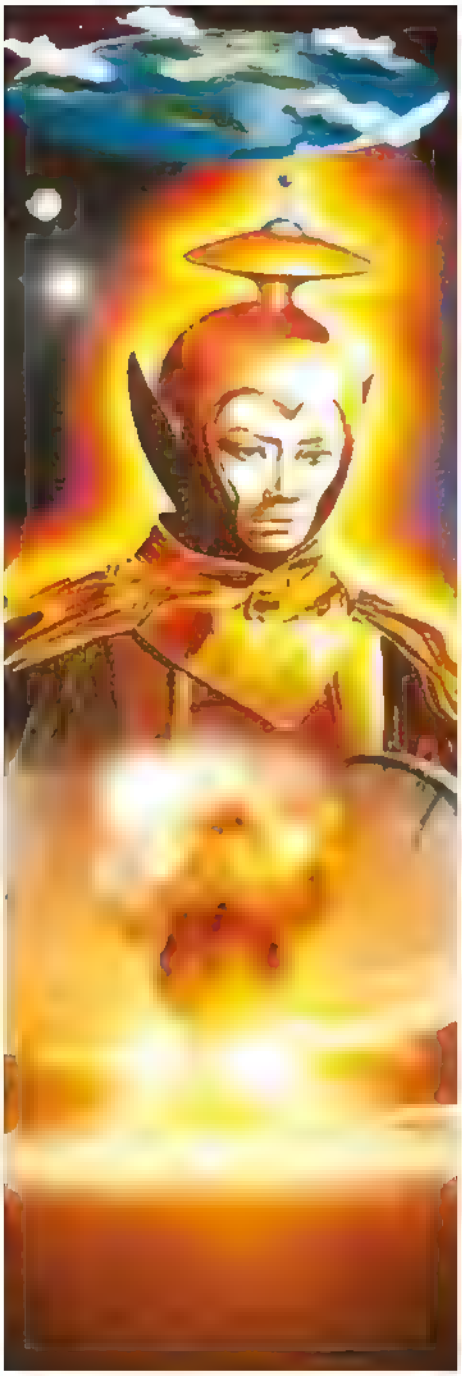
Ashtar, Cmdt Quadra Sector, 1º contato, 1952, logo antes de explodirmos a primeira de muitas bombas H.

"A Shellyana me orientou para aplicar Reiki no tórax e no estômago dela. Vi seres com características incas, como são os venusianos."

Mônica de Medeiros, 2008 - provavelmente falando dos inimigos do National Kid, os Incas Venusianos.

"Sobre a Terra, ela é convexa. Não é esférica, não é plana. É mais convexa principalmente na América do Sul. A Lua também não é esférica."

Urandir Fernades - ET Bilu, 2010, em vídeo, nos tornando o único planeta convexo do universo!



RISCOS A SERVIÇO DA UFOLOGIA

Em busca de elementos que possam decifrar o fenômeno dos OVNIs os pesquisadores de campo ficam expostos a todo tipo de perigo, e até mesmo a objetos terrestres com alto grau de radioatividade.

Márcio V. Teixeira

Tudo começa com uma pequena nota no jornal local, "Misterioso estrondo assusta moradores", "Grande luz explode no céu" ou "Queda de objeto provoca mistério". No dia seguinte, justifico o texto em negrito "**Ufólogos iniciam buscas e coletam informações com moradores**"

Os títulos ficam a gosto de cada editor, até o termo disco voador é utilizado, alguns estudiosos ficam atentos e não só, inicia-se aqui etapas e debates pouco discutidos, que devem servir de alerta e denúncia à parte da ciência conhecedora dos fatos e os meios como são realizadas tais "buscas" e mais à frente, até mesmo das contribuições resultantes vindas destes serviços.

Desta "ajuda" concedida pelos pesquisadores de Ufologia e comunidade em geral, destacam-se desde significativas coletas de meteoritos, localização de artefatos resultantes da reentrada de satélites, mapeamento e documentação dos eventos. O simples esclarecimento dos fatos para a população é também uma contribuição, mesmo os menos conclusivos.

Porém, estar à frente dos fatos e assinar a pauta do achado, está longe de ser o centro do alerta, trato aqui de condutas em se praticar ciência, procedimentos e funções nos meios acadêmicos que fecham os olhos aos perigos diversos em tal empreitada. Quando algo natural ou artificial cai dos céus, mesmo se percebido ao longe como um fenômeno raro, desencadeia relatos, e comum polícias, corporações de bombeiros e imprensa serem acionadas por populares, logo, interessados sobre os OVNIs e fenômenos aéreos surgem com as explicações diversas. Este último participante, normalmente os ufólogos, funcionam como uma espécie de "limpa trilhos", coordenam expedições, coletam amostras para análises, consultam catálogos, relatórios e desenvolvem boas conclusões com embasamento científico, mas com alguns agravantes, sua participação é aberta e exposta.

Astrônomos e entidades de cunho responsável apenas assistem a margem dos fatos a este trabalho e sequer os advertem dos direitos de propriedade, perigos e possíveis efeitos como a radiação. Quando "produtivas" tais buscas, entram com afirmações que minimizam o último participante, alegando sobre a normalidade de um evento celeste, acrescentando nomenclaturas e dados técnicos, representando seus centros acadêmicos.

Quedas de Satélites, estações espaciais, componentes bélicos e os efeitos nocivos

Os satélites artificiais prestam às mais diversas missões, com finalidades específicas no emprego da astronomia, geofísica, meteorologia, comunicação, navegação, no uso militar entre outros. Para se ter uma ideia de alguns perigos que suas funções possam representar, este último, de uso bélico, utiliza-se de tecnologias pouco conhecidas, geralmente resultantes de competições armamentistas, podendo ser mantidos e lançados de maneira sigilosa. Especula-se, que algumas superpotências desenvolvem aparelhos antissatelites e que outros possuem agregados a seus corpos, componentes com capacidade de se auto destruírem quando interferidos, capturados ou manipulados

Ressalta-se que estes engenhos, capazes de detectar o lançamento de um míssil balísti-

co em tempo real (satélite norte-americano do tipo Imews) podem transportar cargas radioativas, experimentos científicos nocivos à vida, combustíveis voláteis, células, baterias e um amontoado de elementos que poderiam deixar sequelas bem ao caráter do conhecido acidente radioativo ocorrido em Goiânia na década de oitenta, onde catadores de sucata vasculhando as antigas instalações de uma clínica radiológica, por curiosidade abriram um pequeno cilindro metálico, de 3,6 centímetros de diâmetro por 3 centímetros de altura, liberando desta cápsula um pó de cor azul brilhante, o Césio 137, um elemento altamente radioativo que matou 5 pessoas e contaminou pelo menos outras 249, deixando a comunidade científica e médica do país em alerta.

Nenhuma satelitização se concretiza a menos de 130 Km de altitude, já algumas superam os 36 000 quilômetros, variando de acordo com suas funções. O atrito de determinados satélites com a atmosfera faz com que suas velocidades diminuam com o tempo e eles vão descendo em direção à superfície, proporcionando um espetáculo visual devido à incandescência de seus fragmentos.

Quase todos os dias algum objeto do espaço entra na atmosfera da Terra. Na maior parte, são objetos pequenos, pedaços de foguetes ou satélites, que viajam a velocidades muito altas, acima de 25 mil km/h. A resistência do ar gera atrito e, por consequência, eleva a temperatura, o que faz com que esses objetos se desmanchem. Segundo a NASA, há cerca de 19 mil objetos com pelo menos 10 cm na órbita da Terra. Se somarmos outros experimentos tecnológicos como balões, testes

Márcio V Texeira

bélicos e peças de avião, conclui-se que é matematicamente certa a existência de uma linha de exposição que provoca danos no ambiente dos pontos de impacto.

Radiações nocivas, liberação de agentes biológicos, gases tóxicos, fornecem consequências imediatas e sequelas a longo prazo, por exemplo, plásticos também absorvem a radiação porque são bastante hidrogenados e doenças silenciosas como o câncer e perturbações no ambiente e a vida, acontecem em tais acidentes

Casos de quedas descontroladas, um perigo constante

Alguns satélites podem ser trazidos inteligentemente à superfície, através de motores na própria estrutura, a fim de caírem em lugar seguro, como nos oceanos e alguns desertos, mas nem sempre as coisas saem como planejam seus operadores. Vários casos de quedas descontroladas de satélites e estações espaciais já aconteceram, um caso famoso é o do Skylab, uma extinta estação espacial norte-americana utilizada nos anos 70, onde a atividade solar alta aqueceu a atmosfera terrestre condenando o satélite a cair, alguns pedaços atingiram regiões do sudoeste da Austrália, esparsamente habitado, felizmente não houve vítimas

Autor desta matéria coletando amostras de vegetação em Conselheiro Lafaiete, MG 15 / 1997

Vietnam people s army newspaper- via Mashable

Autoridades do Vietnan, ntrigada com objetos, que caíram em uma área residencial ao norte do país, ter am atingido a Terra após "um som de trovão, mas sem chuva", segundo os locais, no ano de 2016

Já num evento que representou maior perigo, o satélite militar espião soviético Cosmos 954 atingiu o solo em janeiro de 1978 e tinha um terrível agravante: um reator nuclear compacto, utilizado em seu funcionamento. O aparelho e seu conteúdo radioativo despencaram sobre o norte do Canadá, espalhando dezenas de milhares de partículas radioativas sobre uma área de 124 mil quilômetros quadrados, uma enorme mobilização de homens, carros e aeronaves foi necessária para rastrear os destroços e conter a contaminação.

No ano de 1990, a também extinta estação espacial russa Salyut 7 caiu em pleno território da Argentina, alguns pedaços espalharam-se a 400 quilômetros de Buenos Aires, proporcionando um show de luzes no céu quando atravessaram o espaço aéreo como meteoros, despertando as atenções de alguns ufólogos argentinos, que colaboraram com informações sobre pontos onde foram registradas algumas quedas.

A sonda russa Phobos-Grunt foi a terceira nave a cair na Terra em um período de menos de quatro meses. Em 24 de setembro de 2011, destroços do satélite americano Uars se lançaram sobre o Oceano Pacífico. Em 23 de outubro, foi a vez de o alemão Rosat encontrar seu fim nas águas do Índico.

O espetáculo visual provoca fascínio e expectativa

As quedas são constantes, embora raramente sabem precisar seus pontos de queda, que terminam em maioria nos mares e áreas como desertos, atraem a atenção do público em geral, como um espetáculo aguardado, no recente Abril de 2018 a imprensa de todo o mundo anunciava a reentrada na atmosfera terrestre, da estação espacial chinesa Tiangong-1, desgovernada desde Março de 2016.

Em igual proporção outros corpos celestes como os meteoros também caem no planeta, surgem subitamente com um "estouro no ar", ou basta ser algo mais que um "risco brilhante" no céu noturno, passam a ser o novo centro das atenções. Normalmente seus eventos duram poucos segundos, podem ser vistos a grandes distâncias, possuem aspecto luminoso incandescente, de maneira sutil ou seguido de algum som, podem criar efeitos de arraste de ar, tremores de terra, sensação de calor, portanto descrições verdadeiras que ajudam o pesquisador na identificação do tipo de fenômeno e possível localização da rota e ponto de impacto.

Em 15 de fevereiro de 2013, uma grande explosão cobriu o céu de uma região próxima à Chelyanbinsk, nos Montes Urais, centro da Rússia, estilhaçando vidraças e sacudindo prédios até 90 quilômetros de distância dos dois lados de sua trajetória. A luz emitida foi até trinta vezes mais brilhante que a do Sol e pôde ser vista a uma distância de até 100 quilômetros, o impacto da explosão, deixou um rastro de mais de 1500 feridos leves e 30 milhões de dólares de prejuízos, representando um dos mais belos espetáculos celestes da atualidade tomando páginas de jornais de todo o mundo.

Episódios menos documentados, trazem relatos com desconhecimento, justificado pela falta de elementos e características no instante dos eventos, as testemunhas têm dificuldades em precisar seus avistamentos, a imprensa adota títulos expectativos, como "misterioso clarão assusta moradores" o que é compreensível, na função de um repórter, ele não escreve em um periódico científico, mas de uma maneira ou de outra; são noticiados com sensacionalismo e o tom de mistério sobre aquilo que vem do espaço e a própria beleza dos eventos, atrai a atenção até mesmo dos mais acostumados com os fenômenos naturais e reentradas

Fatos vividos por ufólogos

A fim de amenizar a euforia, mesmo sem perder a finalidade dos estudos como a coleta de um meteorito ou registro de fato ufológico de cunho verídico, alguns estudiosos de Ufologia de linha científica, nomeadamente também pesquisadores de campo, adotam procedimentos bem definidos em suas pesquisas, prestando esclarecimentos sobre tais eventos, filtrando e eliminando hipóteses menos excitantes.

Temos dezenas de amostras de eventos que despertaram a curiosidade da comunidade ufológica e imprensa em geral, uma com repercussão, mobilizou até os índios Kaiapós, quando algo cruzou os céus da cidade de São Félix do Xingu no dia 09 de outubro de 1999, no estado do Pará, quando um desses Objetos desconhecidos pareceu ter caído, explodido e sumido em uma mata, fato este que foi documentado pela Rede Band de televisão, a nível nacional. Outros menos expressivos, também despertaram curiosidade, como as investigações da suposta queda de um bólido em Guaçuí, no estado do Espírito Santo em 2000, onde foram destacados policiais e população local à desenfreada procura pelo suposto artefato.

No ano de 2002, participei de uma Expedição Meteorítica liderada pelos Ufólogos mineiros Paulo Werner (editor) e Márcio Teixeira (este autor), desdobrando terrenos em busca por um possível meteorito na vasta região Norte do estado de Minas Gerais, precisamente nas regiões limítrofes entre Pirapora e Buritizeiro. O evento e nossas pesquisas ganharam repercussão nacional sendo noticiado pelo jornal do SBT e imprensa local, As primeiras notícias foram como no início deste artigo, e nos deparamos com as principais descrições: Tremores de terra, precipitação de objetos dentro dos lares, pânico e centenas de relatos, foram fatos que agora constituem num extenso relatório sobre as pesquisas realizadas, tudo minuciosamente documentado. Embora requisitamos, não obtivemos nenhum apoio científico ou participações que nos auxiliassem, obrigando-nos a realizar as expedições por contra própria e sujeitos a linha de exposição.

Pouco antes, no ano de 1996, um dos pes-

US Department of Energy

A queda do satelite russo Kosmos 954, espalhou detritos radioativos sobre o norte do Canadá, provocando uma extensa operação de limpeza conhecida como Operation Morning Light

quisadores terminou por encontrar um objeto e levá-lo consigo. Os jornais mineiros traziam notícias de uma ocorrência, interpretada por parte da imprensa como sendo ufológica, que acabara de ser publicada pelos jornais (A Hora, de Januária e no Jornal Estado de Minas). A nota de que um Objeto "Misterioso" teria passado e possivelmente caído por sobre lugarejos próximos à Januária, no polo turístico do Vale Mineiro do São Francisco, região Norte do Estado.

Os relatos eram que dois pescadores viram um Objeto Voador Não Identificado cair na área do clube de pesca Carcará, às margens do rio São Francisco. Liderada desta vez pelos ufólogos mineiros Albert Eduardo e Paulo Werner, uma dificultosa expedição ao local foi realizada, as buscas acabaram por encontrar uma curiosa placa metálica de formato retangular, medindo 9 por 15 centímetros, de material semelhante ao cobre, pesando 150 gramas e que apresentava ainda alguns indecifráveis caracteres. A procedência polêmica, fez com que os mesmos a considerassem como algo muito suspeito, certamente fruto de alguma brincadeira de moradores locais ou alguém simplesmente querendo aparecer. Os pesquisadores levaram o material para as devidas análises científicas, em Belo Horizonte, de forma particular.

Em ambos os casos tudo foi documentado e divulgado simultaneamente pela imprensa à medida que as buscas, as análises ou novas considerações dos ufólogos eram feitas, nenhuma instituição científica ou astrônomo, se manifestaram no âmbito de auxiliar e acrescentar para que as pesquisas fossem então concluídas.

Na opinião de um astrônomo, os esforços dos cientistas são surpreendentemente reduzidos diante da possibilidade de que algum pesquisador ou grupo de seu meio acadêmico vá realizar investidas nas buscas por algo do tipo a alimentar fantasiosas crenças ligadas aos OVNIs, Notadamente uma péssima repercussão profissional e ética. Já um astrofísico, lamenta que são numerosos os episódios inverídicos e que dificilmente a ciência dispõe de recursos para este tipo de atividade, os institutos estão concentrados em estudos laboratoriais, cálculos e análises de crucial importância, embora seja uma alternativa elementar em raríssimos casos, sair a campo como fez os Ufólogos.

Cpfani

Albert Eduardo e Paulo Werner, em 1996 com a placa metálica encontrada na mata próximo ao Rio São Francisco, em Januária MG

Falta de Metodologias

Autoridades portuguesas, declararam que não há medidas preventivas completamente formuladas para evitar possíveis danos causados por destroços vindos do espaço "dada a rara natureza e a aleatoriedade destes eventos, mas os sistemas de proteção civil têm implementado procedimentos que pretendem mitigar os efeitos que daí advenham"

Concluo que os processos passam por caminhos burocráticos, os meios militares são os mais adequados a realizar algum tipo de controle em caso de risco a segurança,

A comunidade científica e os responsáveis diretos pelos destroços são conhecedores dos subprodutos advindos dessas tecnologias, com pouca expectativa de melhora, tem usufruído e descuidado dos indivíduos, que se arriscam na linha de frente das buscas, desinformados, numa realidade crescente e de certa maneira aventureira

Na realidade os casos não se encerram aqui, a qualquer momento, algo pode estar se precipitando novamente do céu, noutros lugares, países. Os créditos e técnicas preventivas devem ser aplicadas na realização deste tipo de busca, incluindo na área da meteorítica, e lá estará o ufólogo, movido por seu elevado grau de voluntariedade na coleta de evidências, praticando ciência, reportando a veracidade dos fatos para comprovar que existem coisas espetaculares e importantes para uma melhor compreensão do universo.

Márcio V. Teixeira

marte design@yahoo.com

marcio.portugalbrasil

Foto: Edison B. Júnior - Arte: Paulo Werner

ILHA DE PÁSCOA
OVNIs e Mistérios

A Ilha de Páscoa é uma das mais isoladas do mundo. Ela fica na Polinésia Oriental a cerca de 3,7 mil quilômetros da costa do Chile. Talvez por ser tão afastada, ela seja ainda tão misteriosa, abriga mais de 800 estátuas de pedra gigantes, que tornam o lugar ainda mais fascinante.

Edison Boaventura Júnior

Quando eu era mais jovem, sonhava em ser um arqueólogo. Li muito sobre os grandes mistérios da Humanidade e na década de 80, também li o bestseller **"Eram os deuses astronautas?"** do escritor suíço Erich von Däniken. E desde aquela época, eu tinha grande desejo no meu coração de ir até a Ilha de Páscoa para tentar saber mais sobre os seus intrigantes mistérios...

Com o passar do tempo, soube também da intensa fenomenologia dos objetos voadores não identificados (OVNIs) que se manifestava naquele lugar e, isto me intrigava e atraía sobremaneira.

As figuras dos Moai's – grandes estátuas esculpidas em pedra vulcânica – me fascinavam e por meio da leitura de diversos livros e revistas que fiz, sabia que haviam várias teorias fantásticas a serem exploradas. Todavia, um pensamento me incomodava: Seriam aquelas estátuas colossais produzidas pelos tripulantes dos OVNIs que vez ou outra, apareciam naquela região remota do Oceano Pacífico?

Tantos sonhos da minha adolescência ficaram no passado, e infelizmente não me tornei arqueólogo, mas o desejo de conhecer a Ilha de Páscoa, chamada também de "Umbigo do mundo" ou "Rapanui", esteve presente até o dia em que consegui realizar este sonho.

Durante uma viagem de pesquisa empreendida no período de 8 a 16 de março de 2018, juntamente com a minha esposa Margareth Orlandi Boaventura, vivi momentos intensos, onde as descobertas foram se descortinando a minha frente, colhemos vários depoimentos interessantes relacionados aos insólitos objetos voadores e os seus tripulantes e, até tivemos a sorte de filmar e fotografar o Fenômeno OVNI presente naquela ilha misteriosa.

Chegando em Rapanui

Partimos do Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo com destino à cidade de Santiago, capital do Chile. No dia seguinte, partimos logo cedo a bordo do vôo da LATAM 841 em direção ao Aeroporto de Mataveri, na Ilha de Páscoa.

Após cerca de 5 horas de voo, pelas escotilhas do avião, percebemos um visual impressionante, pois a ilha é de formato triangular, formada por três vulcões inativos, dispostos um em cada uma das suas extremidades.

A Ilha de Páscoa tem 163,6 km quadrados e é um dos locais mais isolados do mundo, ficando a 3.700 km da costa chilena e a 4.100 km do Taiti.

O ideal é escolher uma hospedagem perto do centro da cidade em Hanga Roa, caso você não esteja pensando em alugar um automóvel por lá. Nós optamos em ficar no Hotel Victoria que é bem localizado, pertinho de tudo do que precisamos para ter uma boa estadia na ilha.

Passeios Incríveis

Independente do hotel que se escolha, vale à pena verificar o que é oferecido por sua hospedagem em termos de passeios pela ilha e se

for o caso, contratá-los, pois sem guia, muitos detalhes podem passar despercebidos.

Para nós, a utilização de um guia local foi imprescindível para aprendermos mais sobre a história, as lendas e o significado de cada Moai. Afinal, estas estátuas estão espalhadas por toda a ilha e cada uma delas, seja deitada ou em pé, tem uma história ou um significado que deve ser compreendido.

Visitamos vários sítios arqueológicos e tudo é muito enigmático, mas para quem for na ilha, sugerimos os sítios arqueológicos de Tahai, os vulcões Rano Raraku e Rano Kau, Ahu Akivi, Ahu Tongariki, Te Pito Kura, Orongo, Vinapu e a praia de Anakena com os seus Moais.

Há atividades para todos os tipos de aventureiros, desde mergulho onde podem ser vistas até estátuas submersas que foram levadas por tsunamis, fazer caminhadas, passeios de bicicleta, exploração de cavernas com a possibilidade de ver pinturas rupestres, petroglifos, etc.

História, nome da ilha e o povo

Quem visita a ilha não pode deixar de contemplar os céus que são enxameados de estrelas e dá até para observar perfeitamente a Via Láctea, devido a nitidez incrível e sem poluição daquele lugar.

Numa das noites resolvemos jantar num restaurante típico e com um show interativo com os nativos, o Restaurante Te Ra'a, dos simpáticos proprietários Victor Enrique Ika Acuña e Rozimere de Arruda Acuña. Os nativos do restaurante propiciaram um ótimo aprendizado sobre a história do povo Rapanui e abordaram aspectos de sua cultura e das danças típicas.

A tradição oral diz que os polinésios viviam numa ilha chamada Hiva, que estava afundando. Então, buscaram outra ilha para habitar, se deparando com a Ilha de Páscoa e nomearam de Tepito O Te Kainga, o "útero do mundo", pois segundo lendas tradicionais, o deus criador polinésio Make-Make criou o mundo a partir de uma ilha, que eles julgaram ter encontrado.

Alguns historiadores acreditam que os primeiros moradores da ilha chegaram por volta do ano 300 da Era Cristã, provenientes das Ilhas Marquezas.

Com o passar do tempo a ilha teve outros nomes: Rapanui, que significa Ilha Grande, Te Pito O Te Henua, ou seja, "umbigo do mundo".

Também foi chamada de Mata Ki Te Rangi, que significa olhos fixos no céu e, já no século XV, foi chamada de Ilha de São Carlos, em homenagem ao rei espanhol Carlos III.

Por fim, o nome atual da Ilha de Páscoa foi batizado pelo navegador holandês Jacob Roggeween no dia 5 de abril de 1722, no dia desta festividade religiosa cristã, a Páscoa.

Sobre a população, se comenta que os primeiros habitantes tinham orelhas compridas (como observa-se esculpida em alguns Moais), cabelos ruivos e pele branca. Todavia, atualmente, nota-se uma influência polinésia muito forte, talvez pela miscigenação, ao longo dos anos, mistura de várias culturas que habitavam em outras ilhas mais distantes e que ali chegaram. Recentemente, com o progresso, a contaminação da cultura ancestral é inevitável, infelizmente!

Moais, Moais e Moais: o que representam?

Durante nossa visita as centenas de estátuas, ou seja, aos Moais espalhados ao redor da ilha, ouvimos muitas histórias sobre estas enigmáticas figuras.

No Museu Antropologico Padre Sebastian Englert existe uma estatística atualizada dos Moais. Assim, até o momento existem catalogados um total de 887 Moais, sendo que 397 estão caídos na pedreira de Rano Raraku e 288 foram transportados e erigidos sobre as plataformas de pedra. Alguns deles, bem conservados, também estão em museus de outros países.

O que impressiona são as alturas e pesos destes Moais. A estátua mais bem elaborada tem uma altura de 4 metros e 40 toneladas de peso! Mas, o maior Moai ainda está inacabado na pedreira de Rano Raraku, com 22 metros de altura e pesa cerca de 250 toneladas.

Ao longo do tempo tomamos conhecimento de muitas teorias, inclusive de alguns pesquisadores que teorizaram e associaram estas esculturas aos extraterrestres. Há uma crendice que tais monumentos estariam ligados de alguma forma aos alienígenas, que vez ou outra, aparecem por ali...

Entretanto, segundo as tradições orais, a história é outra. Os Moais foram feitos em homenagem aos seus antepassados mais importantes, chefes de tribos e pessoas mais abastadas e destacadas em cada clã. Cada uma das tribos tinha uma plataforma de pedra, chamada "Ahu" onde colocava os seus Moais. As estátuas eram esculpidas na pedreira de Rano Raraku e depois transportadas para o Ahu. Cada estátua possui uma fisionomia diferente, pois retratam pessoas diferentes.

Os nativos pascuenses praticavam desde os tempos mais remotos, como o povo inca no Peru, o alongamento de suas orelhas como um símbolo de distinção de classe e, isto está presente no entalhe de várias das estátuas que vimos em Rapanui.

Outro símbolo de destaque nas estátuas era a existência de uma espécie de chapéu, que na verdade era o cabelo em forma de topete. Este cabelo, chamado "pukao" era somente para as estátuas que representavam os membros mais importantes, chefes e ricos. Tanto é fato isso que, nem todos os Moais possuíam o pukao na sua cabeça.

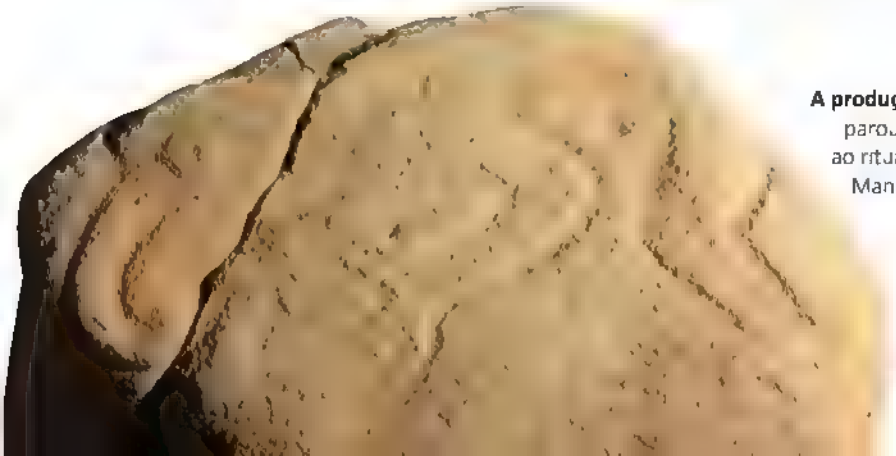
Outro aspecto é que as estátuas possuíam olhos feitos de coral e de obsidiana. Todavia, na atualidade a maioria foi saqueada, havendo apenas um Moai com os olhos originais num dos sítios arqueológicos e, parte de uma cabeça exposta no museu local onde é perceptível este detalhe.

Um dos grandes mistérios atuais seria como que estas colossais estátuas foram transportadas. Seriam por meio de uma tecnologia avançada e ancestral, cujo conhecimento se perdeu no tempo? Há uma teoria que fala de uma energia chamada "mana" que neutralizava o peso das estátuas e as faziam flutuar e "caminhar" até suas plataformas. Esta é apenas uma teoria, mas existem outras que são mais sensatas e pé no chão.

Apuramos que os Moais eram transportados por sete caminhos que levam para todas as partes da ilha. Estes caminhos ou trilhas se iniciam na pedreira de Rano Raraku e podem ser vistos nos dias de hoje. Os nativos utilizavam toras de palmeiras, que aos poucos foram se extinguindo no local, para transportar os Moais. Esta teoria é bem aceita e o desastre

Fotos: Edison B. Júnior

Victor Ika um dos nativos da ilha que presenciou o Fenômeno Ovni, apresentando danças típicas milenares



A produção de moais parou dando lugar ao ritual do Tangata Manu ou Homem Pássaro

ambiental causado fez com que a produção de estátuas se encerrasse e, fosse substituído pelo "ritual do homem pássaro"

Também já foi testada fisicamente outra teoria, onde se amarravam cordas em partes das estátuas e por meio de movimentos sincronizados, efetuados por vários nativos ao mesmo tempo, balançando as mesmas, produzia-se o "caminhar" até seus locais, onde seriam expostas nos Ahus.

Uma dúvida que geralmente as pessoas têm é: "Os Moais tinham corpo ou eram somente cabeças grandes, como vemos nos livros?"

Esta pergunta é fácil de responder quando se está no local dos fatos... Em outubro de 2011, foram iniciadas algumas escavações por arqueólogos na pedreira de Rano Raraku que revelaram que as estátuas, tem um corpo sim! Os trabalhos de escavação foram denominados de "Projeto 5" e as fotos foram disponibilizadas no site da "Easter Island Statue Project".

Make-make e o ritual do homem pássaro

No dia 14 de março de 2018, pela manhã, fomos para Orongo, onde visitamos uma vila cerimonial com 53 casas de pedra e onde existem ainda petroglifos com figuras de Make-make – o deus criador da Terra – e, figuras do homens pássaros.

Este evento anual se iniciava ao lado do vulcão Rano Kau e, representantes de cada tribo competiam pela obtenção do primeiro ovo de uma gaivota migratória (Sterna fuscata), que os depositava em ninhos localizados em uma ilha chamada Motu Nui que ficava a cerca de um quilômetro e meio da encosta.

O cerimonial consistia em descer um costão íngreme de mais de 300 metros de altura, mergulhar na água infestada de tubarões e nadar até a ilhota onde pegavam o ovo, após lutar com a gaivota. Na volta, quem chegasse com o primeiro ovo intacto, recebia como prêmio seis virgens e sua tribo recebia durante aquele ano, 50% de tudo que a tribo perdedora produzisse ou obtivesse. Durante um ano, o vencedor era reconhecido como uma celebridade na Ilha e era reconhecido por todo o clã. Também, ganhava um petroglifo em homenagem a sua conquista naquele ano

Vinapu: presença inca na ilha?

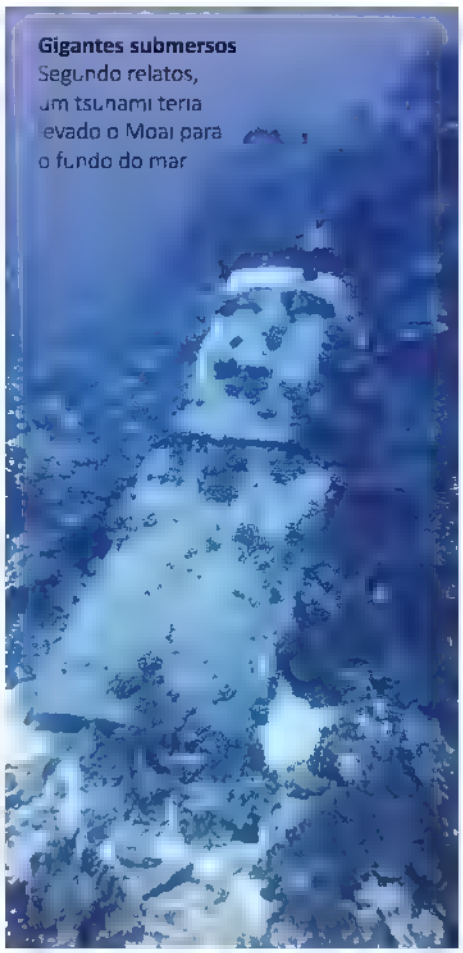
Visitamos vários sítios arqueológicos, mas o que causou mais impacto, foi um muro em forma de plataforma, em Vinapu. Este Ahu difere de todos os outros, pois é idêntico aos muros construídos pela civilização inca,no Peru

A nomenclatura Vinapu não tem tradução nas línguas locais. Entretanto, em língua quíchua significa "licor que intoxica fortemente".

Nesta incrível plataforma, as pedras estão cortadas e encaixadas de maneira precisa, apesar de sua forma e de ter ângulos irregulares, ao contrário de todas as outras plataformas existentes na ilha.

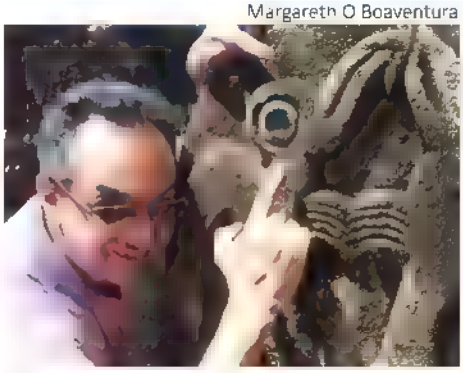
Fotos Edison B Júnior

Vinapu: presença incaica na Ilha de Pascoa?



Gigantes submersos
Segundo relatos, um tsunami teria levado o Moai para o fundo do mar

Margareth O Boaventura



Em Orongo pode se ver petroglifos de Make Make, o deus Criador e dos Homens Pássaros

Os resultados dos estudos realizados pelo pesquisador Thor Heyerdahl, chefe de uma expedição científica norueguesa, com auxílio da Universidade do Chile, identificaram esta plataforma como sendo 200 anos mais antiga que os muros incaicos! Teria a civilização inca passado pela Ilha de Páscoa no passado remoto?

Assombrações e OVNIs desafiam o tempo...

Durante as conversas com os moradores locais em busca de casos de observações de OVNIs, logo percebemos que não existe outro lugar na Terra onde convergem tantos enigmas! Assombrações, deuses, demônios e a visita de naves desconhecidas e seus tripulantes povoam a imaginação das pessoas. Constatamos também que, muitos nativos não gostam de expor estes intrigantes fatos vividos por eles.

A assombração mais temida é um demônio chamado "Aku Aku" que segundo os nativos aparecem em locais mais remotos da ilha, em praias e próximo a cavernas. Trata se de um ser muito magro que lembra um esqueleto. Há quem afirme que esteve frente a frente com estas criaturas do mundo espiritual Rapanui.

Com pouco de perspicácia conseguimos alguns relatos surpreendentes de várias épocas. Vejamos alguns casos pitorescos que abordam estranhos avistamentos de naves e seres que foram vistos na Ilha de Páscoa, mais ativamente na região onde estão localizados os vulcões, bem como a observação, esporádica de luzes e aparatos voadores "saindo e entrando" no mar.

Pelo que pudemos escutar dos moradores da ilha, há uma incidência grande de avistamentos estranhos que se concentram nas proximidades do vulcão Rano Raraku, no Morro Maunga Pui e no Maunga Teravaka, apesar de também haver casos esporádicos em outras partes da ilha e, até no centro da cidade, em Hanga Roa.

Um dos nossos guias, César Riroroko contou que no setor de Ahu Tongariki e nas suas encostas muitas pessoas já viram OVNIs saindo de dentro do mar. E ele nos contou que certa vez

viu uma espécie de cometa azul turquesa e violeta atravessando toda a Ilha e este fenômeno também foi visto na praia de Anakena. "Muita gente já viu as luzes e aqui têm petroglifos de homens lagartos e homens pássaros. Lembro-me que um ufólogo chamado Sixto Paz, em 2007, observou um OVNI no vulcão Rano Kau. Um turista uruguaio filmou o interessante objeto voador", disse César.

A primeira foto de OVNI

Consta do site chileno do NOUFA - Noticiero Ufológico Autônomo informações sobre a primeira foto conhecida de um OVNI na Ilha de Páscoa. No dia 25 de janeiro de 1986, entre as 12:00h e 14:00h, um grupo de turistas argentinos, coordenados por Néstor Berlanda, Luis Reynoso e Guilhermo Aldunatti estavam tirando fotografias dos Moais na pedreira de Rano Raraku, quando flagraram o insólito objeto.

Ao revelar a fotografia obtida por uma máquina fotográfica comum da marca Kodak, utilizando filme de 100 ASA, perceberam espantados um OVNI logo acima, do lado esquerdo.

Os negativos foram encaminhados para a entidade de análise fotográfica norte-americana, chamada "Ground Soucer Watch". Todos os especialistas descartaram ser uma fraude, falha no negativo ou ser um pássaro. Se tratava de um objeto autêntico!

Em dezembro de 2012, um casal de turistas, também na mesma pedreira fizeram outra fotografia nos Moais, onde não viram no momento o OVNI metálico que voava nos céus do lugar.

Blackout na ilha...

No dia 10 de abril de 2010, à noite, houve um blackout na cidade e os moradores ficaram em suas casas esperando o conserto da falha elétrica. Robinson Tepano estava de serviço na central elétrica e foi notificado em seu walkie talkie da interrupção da luz na cidade. Nos últimos dez dias houve apagões inexplicados e que, Robinson não sabia explicar a causa dos mesmos.

Foi quando uma luz voadora muito forte apareceu no setor de Hanga Piko, no sul da ilha. Cecília e José Cardinale, que aguardavam em casa o restabelecimento da luz elétrica, observaram do terraço, um grande e luminoso OVNI que não estava muito alto e, subitamente, fez um ligeiro movimento de cima para baixo. Seu formato era oval e possuía três luzes brancas.

Muitas pessoas observaram o mesmo fenômeno, sendo que depois de 40 minutos, o OVNI desapareceu e o fornecimento de luz elétrica foi restabelecido na ilha.

Robinson Tepano já tinha observado anteriormente, fenômenos estranhos. Certa vez, quando navegava em sua embarcação pelo redor da ilha, observou em plena luz do dia, dois OVNIs que saíram de dentro do mar.

Retirando água do vulcão

Muitos fenômenos já foram presenciados

Primeira foto de OVNI na Ilha de Páscoa
FONTE: NOUFA - Noticiero Ufológico Autônomo

LA TERCERA

Caso estudiado en congreso especializado

Argentinos fotografiaron OVNI que sobrevoló Isla de Pascua

próximos ao vulcão Rano Raraku. Por exemplo, a moradora Ruti ka Paoa e suas filhas observaram anos atrás um objeto luminoso com formato de disco voador que desceu em direção ao lago formado na foz do vulcão. O OVNI flutuou a poucos metros de distância da água, quando elas ouviram um barulho muito alto, e a aeronave desconhecida começou a sugar a água do fundo da cratera, fenômeno este que durou por mais de uma hora.

Em maio de 2005, o estudante de agronomia, Daniel Armijo estava em viagem de férias com a família na Ilha de Páscoa e ao fotografar uns Moais, perto da região do vulcão Rano Raraku, sem perceber, teve a surpresa posterior de identificar dois OVNIs estampados em duas fotos realizadas por ele mesmo.

Embora um dos objetos capturados tenha uma forma difusa e irregular, o segundo, ao contrário, mostra claramente um objeto de forma lenticular muito semelhante aos típicos OVNIs. As fotos foram analisadas pelo especialista gráfico Leonardo Guazzo, que afirmou que "na primeira imagem, a distância aparente do objeto em questão, não parece estar longe, e poderia ser talvez, um pássaro. Mas, na segunda imagem afirmo que não é uma trucagem".

Militar chileno perseguido por um OVNI

Meu amigo e pesquisador chileno, Raul Núñez Gálvez, me enviou vários textos e um caso que ele mesmo pesquisou com um militar chileno que teve um impressionante contato com um OVNI na ilha.

O militar da Força Aérea do Chile, 2º sargento radiotelegrafista Ignácio Valdés Jaña, chegou na Ilha de Páscoa em 1953. Foi designado a supervisionar as obras de construção do Aeroporto de Mataveri.

O fenômeno que ele observou ocorreu em 13 de fevereiro de 1983 nas proximidades do vulcão Rano Raraku. O militar estava em companhia de Juan Anakena – que mais tarde se tornou uma autoridade importante da ilha – e estavam transitando a bordo de um automóvel pela área chamada Maunga Pui, quando uma luz voadora desconhecida e muito forte se aproximou até ficar a 100 metros do automóvel.

O OVNI estava suspenso do solo a cerca de 2m de altura. No momento da aproximação, a reação de Ignácio e Juan foram distintas. Ignácio tentava se manter calmo, enquanto que Juan gritava desesperadamente dizendo: "os Aku-Aku estão vindo para nós".

Assim, começou uma perseguição que durou alguns minutos, quando o OVNI emitiu uma energia desconhecida que levantou o veículo a poucos metros acima da estrada. As duas testemunhas fugiram a pé, enquanto o objeto voador seguiu em direção do vulcão Rano Aroi, desaparecendo a seguir.

Outro documento que o militar deixou registrado diz respeito a observação ocorrida em 13 de fevereiro de 1988, entre 2:30h e 2:45h da madrugada, em frente ao vulcão Rano Raraku.

Neste episódio havia seis testemunhas confiáveis que viram uma luz enorme, que mudava de forma e de seu interior saíam objetos menores. Os observadores chegaram a contar vinte pequenos objetos luminosos que voavam ao lado do OVNI maior. Foram várias anotações realizadas pelo militar sobre os fenômenos anômalos observados durante o tempo em que esteve trabalhando em Rapanui.

"Eu senti muito medo"

Durante nosso jantar no Restaurante Te Ra'ai, em conversa com o proprietário Victor Enrique Ika Acuña, soubemos de suas experiências com o Fenômeno OVNI.

"Em 1979, quando eu era criança, juntamente com outros moradores locais, vimos o céu se acender com uma espécie diferente de relâmpagos alaranjados, mas o interessante é que não havia nuvens no céu. Estava totalmente limpo! Estes objetos luminosos foram vistos em Hanga Roa e por toda a ilha e, eu senti muito medo. Em outra ocasião, em 2017, por volta de uma hora da madrugada, eu estava no sul do Chile e, ob-

servei juntamente com mais outras pessoas, uma nave triangular muito estranha. Não tinha som algum embora estivesse bem próxima de nós. Foi uma experiência muito rara e nunca tinha visto tão perto", afirmou Victor.

Outro caso ocorreu em março de 2011, com Sérgio Maururoa que disse: "eu estava pescando na costeira, perto da cidade, quando vi uma luz voadora muito estranha. E a veio rapidamente na minha direção. Não piscou e era de cor amarela potente. Ele ficou uns minutos acima de mim e, depois se perdeu nas nuvens. O objeto era enorme, tinha cerca de um quilômetro e meio aproximadamente. Tenho certeza que não era avião e não fazia som algum, movendo se inteligentemente"

Seres gigantes

Um dos casos mais antigos de avistamentos de tripulantes datam de 1950 e ocorreu com a escritora Veri Ica que acompanhada do seu pai tiveram uma estranha experiência.

"Eu era uma menina, mas lembro perfeitamente porque a experiência me impressionou muito Eu costumava seguir todas as tardes pelo mesmo caminho para encontrar meu pai, que trabalhava no aeroporto Mataveri. Naquele dia, ambos retornamos quando o sol ainda não havia se posto. De repente, ouvi um barulho muito alto, virei e vi um objeto voador na forma de um prato que estava em uma colina. Pouco depois, o objeto aterrissou em um terreno perto de uma casa. Os pastos se moveram e a terra começou a subir por causa dos seus sistemas de propulsão, é o que pensei na época. O objeto media aproximadamente cinco metros de largura por outros tantos metros de altura", disse Veri.

A escritora observou que o OVNI estava pousado próximo a uma pessoa aparentemente comum, que usava camisa branca e uma calça normal. Então, ocorreu algo inusitado, a porta do OVNI se abriu e desceu um ser. "Era muito magro de aproximadamente dois metros de altura e vestia uma roupa inteiriça, prateada e parecia uma roupa de mergulhador pois cobria as mãos e ouvidos. Não consegui distinguir as feições daquele ser, mas lembro que era muito branco".

Ela observou dentro do objeto, quando a porta estava aberta, uma espécie de cortina prateada, semelhante a tonalidade de cor da roupa do tripulante. Segundos depois, outro ser de aparência semelhante desceu do OVNI e dirigiu o seu olhar diretamente para Veri e para seu pai. "Rapidamente, aquele ser começou a conversar com o seu companheiro e com o nativo do lugar e, imediatamente depois, os três entraram na aeronave, que subiu, se perdendo à distância", finalizou a escritora pascuense.

Outro caso envolvendo seres aconteceu com Braian Mahaki, no princípio dos anos 2000. Conta ele, que certa noite, estava em seu quarto, quando uma luminosidade forte entrou pela janela. Curioso, observou a estranha luz através da janela e decidiu sair para o jardim da sua casa para observar melhor

Fotos: Edson B[illegible]nior

Braian Mahaki, observou sete seres medindo quase 3 m de altura

Escritora Veri Ica que presenciou um pouso de um OVNI e seus tripulantes

"Saí e fiquei escondido. Vi sete seres saindo de dentro do brilho do objeto. Suas silhuetas se destacavam, pois possuíam um brilho mais intenso e poderoso. Eram muito altos, medindo mais de três metros. Passaram na minha frente e, de repente, tudo desapareceu, restando apenas eu no jardim e a escuridão da madrugada. Depois deste fato, veio a minha mente uma forma geométrica. Trata se de um ponto cercado por uma circunferência, de cujo contorno tem duas linhas curvas que saem em direções opostas", afirmou Braian.

OVNI filmado no Aeroporto Mataveri

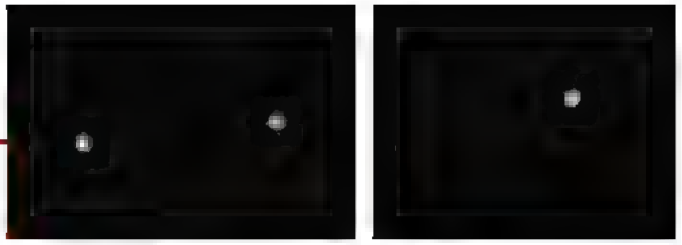
Em 19 de maio de 2007, um voo da Lan Chile 841, desembarcou no Aeroporto de Mataveri, por volta das 12 horas, trazendo em seu interior o ufólogo Sixto Paz e vários interessados nas suas conferências e outros amigos

Ao descer da aeronave, o drogueiro Ciro Echeverry estava filmando o avião e os passageiros descendo, quando solicitou ao pesquisador Sixto Paz que fizesse uma saudação, para que ele gravasse. Neste momento, Sixto viu um OVNI luminoso acima da cratera do vulcão Rano Kao. Em seguida, alertado por Sixto, Ciro passou a filmar as evoluções do estranho objeto.

Oito pessoas foram testemunhas oculares do fato e, inclusive dois funcionários aeronáuticos daquele Aeroporto também presenciaram o fenômeno. O funcionário Leopoldo Alberto Barreira Rodriguez consultou, imediatamente, a torre de controle que informou não ter informações sobre o insólito objeto voador.

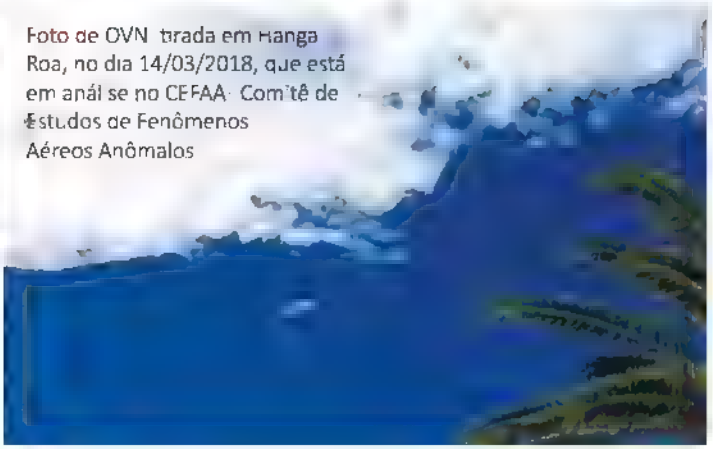
Descartaram assim, a possibilidade de ser um balão meteorológico e de um parapente na região do vulcão. Realmente, foi um fenômeno incomum e extraordinário!

Vulcão Rano Kau é palco de vários fenômenos insólitos



Local onde foram feitas observações de OVN s O fenômeno fo filmado e fotografado Alguns fotogramas podem ser vistos ao lado

Foto de OVN tirada em Hanga Roa, no dia 14/03/2018, que está em anál se no CEFAA Comitê de Estudos de Fenômenos Aéreos Anômalos



Meus avistamentos na ilha

Tivemos a sorte de observar, filmar e fotografar em dias diferentes, durante a nossa permanência na ilha. Geralmente, eram fenômenos noturnos, mas também vimos objetos voadores não identificados durante o dia, entrando nas nuvens.

O primeiro avistamento ocorreu em 11 de março de 2018, às 00:28h no centro da cidade. Da janela do quarto do Hotel Victoria, filmei dois objetos luminosos amarelados que estavam próximos, depois se afastaram um pouco e, por fim a luz que estava à esquerda apagou, voltando a aparecer, minutos depois, para então desaparecer novamente. Por fim o OVNI que estava à direita seguiu para a esquerda, desaparecendo na madrugada.

No dia 12 de março de 2018, após voltar do jantar, eu e minha esposa, paramos no jardim do hotel para observar as estrelas. Subitamente, uma luz branca intensa apareceu. Esta luminosidade aumentava e diminuía a intensidade da luz e estava sobre o mar em grande altitude, do lado esquerdo do vulcão Maunga Teravaka, para quem olha em direção ao centro de Hanga Roa.

Impulsivamente, peguei o meu celular Iphone-5S e comecei a gravar. Margareth Orland Boaventura, também filmou o fenômeno com o celular dela, um LG-G5. Em certo momento da filmagem, resolvi pegar minha filmadora que tem maior resolução. Fui até o quarto buscá-la, enquanto minha esposa continuava a gravar as cenas. Todavia, ao chegar no local o OVNI havia apagado sua luz e, não apareceu mais.

Fizemos diversas fotografias diurnas dos locais onde aconteceram os avistamentos para termos o posicionamento exato das aparições, para que fizéssemos análises posteriores.

No dia 14 de março de 2018 no final da tarde ainda com o dia claro, fomos observar o pôr do Sol e, na volta tivemos uma curiosa aparição "Meu marido e eu estávamos voltando para o hotel e subindo a rua, o Edison olhou para cima à direita e gritou: "olha aquele objeto metálico...". O OVNI entrou na nuvem e em seguida, olhei para frente e vi uma bolinha metálica prateada que entrou na nuvem também. Não sabemos se era o mesmo objeto voador ou se eram duas bolinhas prateadas que voaram e se esconderam por trás das nuvens brancas", disse Margareth.

Durante o levantamento fotográfico realizado no dia 14 de março de 2018 para termos as referências dos locais das filmagens, obtivemos um flagrante fotográfico que mostra um objeto metálico prateado nos céus. Tal foto tirada às 17:23h foi posteriormente, enviada para a Força Aerea Chilena

Fizemos um pré teste nesta fotografia pelo site do IZITRU e foi dado como autêntica!

O endereço da foto no IZITRU para consultas é http://izitru.com/vxCRI

Foto em análise no CEFAA

Registramos o relato do avistamento no site do CEFAA Comitê de Estudios de Fenômenos Aéreos Anómalos, da Dirección General de Aeronáutica do Chile e no dia 19 de março de 2018, o militar Gustavo Adolfo Arriagada Bustamante, solicitou que fosse enviada a fotografia para análise que seria feita pelos seus peritos. No e-mail enviado foi dito ainda que, seria realizada uma análise e, somente após os resultados serem conhecidos, eu seria comunicado oficialmente pelo CEFAA da conclusão a que eles chegaram. Até o momento da publicação deste artigo na Revista OVNI Pesquisa, ainda não obtivemos a resposta daque e órgão

Conclusões finais

Voltamos para o Brasil no dia 16 de março de 2018, e tivemos outra surpresa! À bordo do vôo da LATAM, passando sobre o sul do Brasil, por volta das 19.50h observamos do lado direito da aeronave um fenômeno muito curioso de tonalidade amarela. A luz não passava e acompanhou o avião da LATAM por alguns minutos e depois voou para trás, desaparecendo da nossa vista. O fenômeno foi observado por mim, pela minha esposa e outra passageira que estava sentada na poltrona logo atrás dos nossos assentos.

Curiosamente, no mesmo dia, houve filmagens de OVNIs feitas por moradores em Curitiba, no estado do Paraná. Mistérios...

A conclusão que chegamos, depois de fascinante viagem é que temos algumas certezas, mas muitas questões ainda permanecem insolúveis...

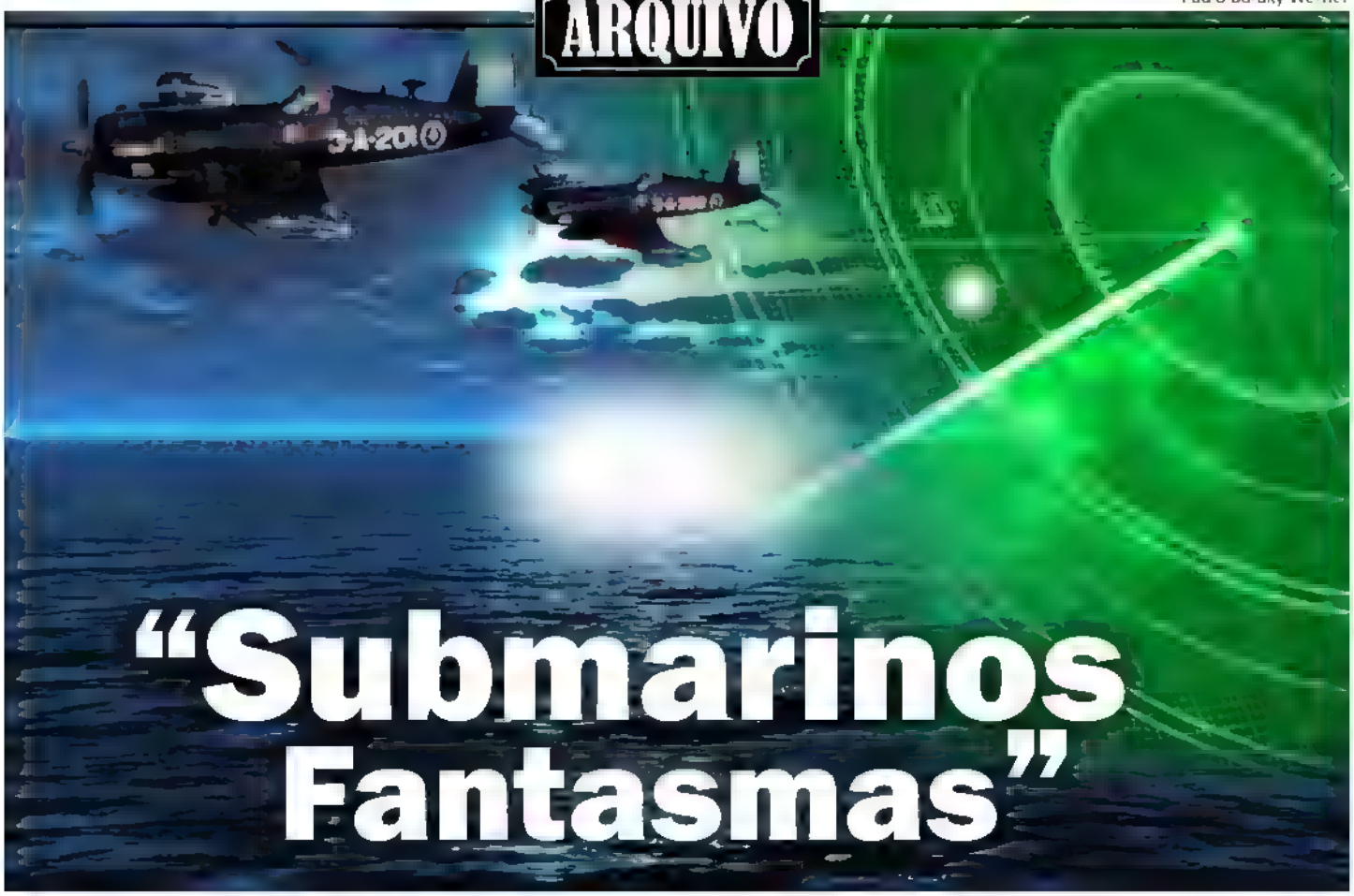
A certeza é que o Fenômeno OVNI é bem intenso na ilha e, as assombrações, os aku-aku e o mundo invisível, mexem com o imaginário dos nativos e turistas que ali chegam

Nas profundezas das grutas vulcânicas, muitos enigmas e um submundo de quilômetros de galerias onde no passado ocorriam as cerimônias, rituais que se perderam com o tempo – existem muita coisa ainda a ser pesquisada e descoberta neste isolado ponto da Terra!

Somente o tempo e a incansável busca, empreendida pelos novos exploradores, trará à tona, respostas mais acertadas para as inquietantes perguntas que ficaram sem resposta...Quem sabe você não seria um destes intrépidos novos exploradores? Se aventure em Rapanui.. OVNI

Edison Boaventura
boaventura_gug@hotmail.com
edison.boaventura

Paulo Baraky Werner



"Submarinos Fantasmas" no litoral argentino

No final da década de 50, o litoral argentino foi palco de aparições de estranhos "objetos submarinos não identificados", que assustaram a opinião pública e mobilizaram os militares.

Equipe Cipfani

Divulgação

ARA P-35 Azopardo Participou na caça ao submarino misterioso em 1960

A primeira aparição aconteceu em 21 de maio de 1958, durante uma manobra de rotina da Armada Argentina (ARA). Durante os exercícios, em uma operação antissubmarino, o sonar do Aviso ARA A 8 Sanaviron obteve um contato em Golfo Nuevo, perto de Puerto Madryn, província de Chubut, a 650 milhas a sudoeste de Buenos Aires. Ao ser detectado, o contato se encontrava a 90 pés de profundidade, navegando de 8 a 10 nós e, ao se verificar que nenhum submarino da frota argentina se encontrava na área, foi dada a ordem de ataque. Por cerca de 24 horas, o suposto OSNI foi caçado pela flotilha, chegando a serem lançadas 22 bombas de profundidade e, apesar de todos os esforços nada foi localizado.

Nos dias subsequentes, teve início a chamada Operación Golfo Nuevo, mobilizando praticamente toda a Armada e os seus aviões patrulha, que promoveram intensas buscas na região. Aviões da Fuerza Aerea Argentina (FAA) também participaram das buscas.

Os relatos de contatos visuais durante as missões aéreas, vão desde a localização de uma silhueta de um objeto cilíndrico estático no fundo do Golfo, esteiras de navegação subaquática, supostos avistamentos de periscópios e da torre (vela), até manchas de óleo. Mesmo assim, em 10 de julho as buscas foram encerradas.

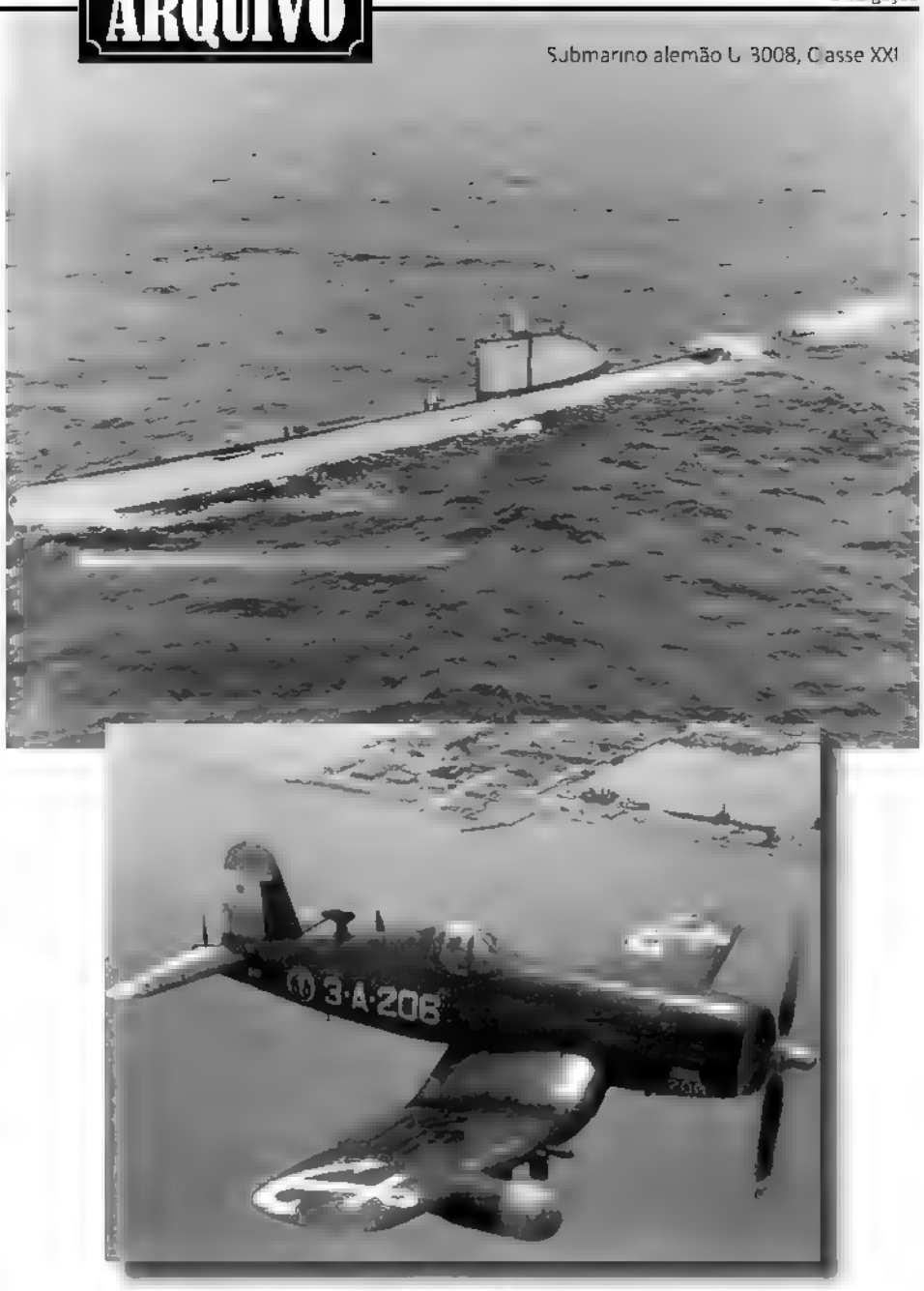
O SEGUNDO CONTATO

Apesar das redobradas atenções devido a esses fatos todos, pouco mais de um ano depois uma segunda aparição voltou a mobilizar a Argentina.

No dia 20 de outubro de 1959, o contratorpedeiro ARA D-6 Buenos Aires fez um contato de sonar no golfo de San Jorge, também em Chubut, dando início à Operación Comodoro Rivadavia, que contou com vários navios e aviões da Armada. Neste dia, as 11:40hs, um avião de patrulha Martin Mariner lançou cinco sonobóias na área. É interessante frisar que a Armada Argentina só possuía dez desses equipamentos, que haviam sido entregues pelos EUA após um exercício conjunto chamado Neptuno II. No dia 23, durante um voo de patrulha de 12,5 horas, outro Martin Mariner avistou uma grande mancha de óleo em Golfo Nuevo, e, no mesmo dia, um outro avião patrulha, dessa vez um Lockheed Neptune, de maior autonomia e armado com cargas de profundidade, sonobóias e marcadores luminosos de alvos, em uma missão de patrulha noturna, obteve

Divulgação

Submarino alemão U-3008, Classe XXI



F-4U Corsair

um contato com sonobóias lançadas na Baía de Santa Helena, mas como não tinha torpedos de busca não foi possível atacar o alvo.

O número limitado de sonobóias disponíveis e as tripulações, que ainda não estavam no nível ideal de qualificação, contribuíram para o malogro dos esforços.

Além dos aviões de patrulha, participaram também caças navais F4U Corsair, cuja uma seção foi enviada para a cidade de Comodoro Rivadavia no dia 20 e de lá operaram. Outra seção foi destacada para a Estação Aeronaval Puerto Madryn, na cidade de Trelew. Os Corsair efetuaram voos visuais orientados por uma força de fragatas, mas, em 29 de outubro, novamente sem sucesso, as buscas foram encerradas.

Um novo contato ocorreu poucos meses depois. Em 30 de janeiro de 1960, as 09:30h, o contratorpedeiro ARA D-1 Cervantes e os navios de patrulha ARA P 20 Murature e ARA P 21 King estavam em instrução quando foi detectada pelo sonar a presença de um objeto submarino não identificado a cinco milhas da entrada de Golfo Nuevo. Desta vez a Armada estava melhor preparada e conduziu uma verdadeira caçada envolvendo grande parte da frota e, pelo menos, 30 aviões de combate. Às 16:08h, do dia 2 de fevereiro, o ARA P-20 King efetuou contato pelo sonar e coordenou um ataque aéreo dos caças F4U Corsair. Depois do lançamento das bombas, o contato silenciou. Eram 16:36h.

Passaram-se oito dias e a fragata ARA P-35 Azopardo detectou um objeto submarino não identificado a três milhas ao sul de Punta Ameguino. Segundo o sonar, o submarino fazia manobras evasivas navegando rumo à saída do golfo. O intruso foi atacado por um F4U Corsair e a caçada contou com a participação de um avião patrulha Catalina e de um helicóptero Sikorsky S-55. Inicialmente, pelo menos seis F4U Corsair participaram das buscas e, em inúmeras ocasiões, abriram fogo com seus quatro canhões de 20mm e lançaram bombas de 500 libras contra posições onde supostamente o intruso se encontrava. Aliás, pela duvidosa eficácia desses armamentos, os caças passaram a levar uma bomba de profundidade afixada no seu bojo. Essas cargas foram especialmente adaptadas localmente, tinham as duas extremidades cônicas e pesavam cerca de 500 libras. Um dos Corsair se acidentou em um pouso forçado na Estação Naval de Puerto Madryn. A Base Aeronaval de Punta Indio enviou prontamente reforços e, no total operaram 13 Corsair. A suspeita da existência de um segundo submarino, visto navegando na superfície em águas internacionais agravou a situação e os aviões passaram a voar em formação aberta tentando ampliar a área de atuação.

No dia 13, o governo dos Estados Unidos enviou um avião militar de transporte Douglas Liftmaster carregado de sonobóias, cargas de profundidade e torpedos antissubmarino. Mesmo tendo sido lançados por aviões P-2E Neptune no dia 19, nada foi atingido. As buscas foram encerradas no dia 23 de fevereiro, sem sucesso.

TEORIAS

Por terem acontecido naquele momento político internacional delicado, as seguidas aparições de objetos submarinos não identificados na costa argentina estamparam manchetes em vários jornais no mundo e várias teorias foram lançadas em busca de uma explicação. A revista estadunidense "Time" noticiou, ironicamente, na edição de 22 de fevereiro de 1960 da seguinte forma: "Argentina: o Bip em Golfo Nuevo", comentando que o submarino só era avistado quando a Armada necessitava de aprovação para a compra de material bélico mais moderno e que, a cada aparição o então presidente da República, Arturo Frondizi, era cobrado no sentido de insistir junto aos Estados Unidos a fornecer armamento mais atual.

Outra hipótese revelou-se extremamente fantasiosa, fruto de apreciadores de teorias da conspiração. Na Segunda Guerra Mundial, foram registradas várias aparições de submarinos alemães na costa argentina. Ao terminar a guerra no front europeu, dois deles se entregaram em portos argentinos, o U-530, da Classe IX, e o U 977, da Classe VIIC. Alguns acreditam que a última missão desses submarinos teria sido a de transportar personalidades do governo nazista que fugiram para regiões hóspitas do pampa argentino. Outros acham ainda que os alemães teriam estabelecido uma colônia em território antártico. Nas aparições de 1960, existem relatos de que a torre (vela)

se assemelhava com um submarino alemão da Classe XXI, que estaria partindo da suposta colônia gelada.

Há, inclusive, quem tenha alegado que a sombra avistada de um submarino submerso nada mais era do que navio afundado pela própria tripulação, concluído o desembarque de refugiados nazistas. Insistem em afirmar a existência de um submarino alemão naufragado em águas rasas de Caleta de los Loros, no Golfo de San Matias, e que quando a maré está muito baixa sua silhueta submersa é visível. A verdade é que, com aquelas ocorrências "não identificadas", o governo argentino enviou mensagens para 26 países solicitando que confirmassem se o(s) submarino(s) seria(m) de sua nacionalidade. Evidentemente, naquela época, a maior desconfiança recaiu sobre a União Soviética, o que originou uma declaração oficial do embaixador soviético em Buenos Aires desqualificando a suspeita.

Uma terceira teoria, mais recente e que foi até tema de documentários televisivos, também foi difundida. Aquilo seria um objeto submarino não identificado de origem alienígena.

Divulgação

Seus defensores justificam que, conforme relatos, o submarino detectado em 1960 multiplicava-se, transformando-se em vários deles, e se evadiam em alta velocidade, tecnologia não dominada por nós.

Fantasia ou realidade, as missões realizadas pelos militares argentinos aconteceram e podem ser conferidas nos relatórios de voo e nos diários de bordo das beonaves envolvidas. Importantes lições sobre táticas na luta antissubmarina também foram assimiladas, principalmente pela Aviação Naval argentina, ainda hoje uma das mais bem equipadas do Hemisfério Sul. OVNI

Divulgação

6 perguntas

Astronauta Marcos Pontes

Marcos Cesar Pontes, 55 anos, é tenente-coronel da Força Aérea Brasileira (FAB), atualmente na reserva. Foi o primeiro astronauta brasileiro, sul-americano e lusófono a ir ao espaço, na missão batizada "Missão Centenário", em referência à comemoração dos cem anos do voo de Santos Dumont no avião 14 Bis, realizado em 1906.

Em 30 de março de 2006 partiu para a Estação Espacial Internacional (ISS) a bordo da nave russa Soyuz TMA-8, com oito experimentos científicos brasileiros para execução em ambiente de microgravidade. Retornou no dia 8 de abril, a bordo da nave Soyuz TMA-7.

OP - Como você se tornou o primeiro astronauta brasileiro?

MP - Fui selecionado por concurso público da Agência Espacial Brasileira (AEB) em 1998. Após diversas etapas da seleção, iniciei o "Curso de Astronautas" da NASA em Johnson Space Center (Houston/TX), me formando Astronauta profissional em 2000. Em 2006 realizei a primeira missão espacial brasileira, intitulada Missão Centenário em homenagem ao aniversário de 100 anos do voo de Santos Dumont. Conto minha trajetória no meu livro "Missão Cumprida"

OP - Nos conte qual era o objetivo do Brasil no programa que você se tornou astronauta?

MP - Em 1997 houve o acordo internacional de 16 países para a construção de peças da ISS. Para o Brasil, junto da AEB, ficou acordado a disponibilização de um fator humano para as missões (eu) e o fornecimento de 06 peças, mas essa parte do acordo nunca foi cumprida por parte do governo brasileiro o que acarretou no "congelamento" do Brasil no projeto. Na época, acredito que o objetivo do Brasil era incentivar a Ciência e o estudo do espaço, mas de alguma forma isso se perdeu no caminho.

OP - Durante seu treinamento, ouviu falar sobre avistamentos de OVNIs, ainda que informalmente?

MP - Sempre ouvimos falar isso. Há um departamento na NASA exclusivo para os estudos de formas de vida fora da Terra. Eu particularmente acredito que eles existem. O universo é muito grande para apenas um planeta ser habitado.

OP - Você já teve qualquer experiência ufológica, como avistamentos de luzes ou outras percepções que não pudesse explicar?

MP - Eu não, mas como disse na questão acima, já ouvi colegas que presenciaram "acontecimentos estranhos".

OP - Se você estivesse no espaço, e avistasse uma nave alienígena, com janelas e seres dentro tentando alguma forma de comunicação, como pensa que seria sua reação?

MP - Tentar registrar o evento (foto, vídeo) e contactar MCC Houston.

Jeffrey Williams, Marcos Pontes e Pavel Vinogradov.

OP - Quais seus planos para o futuro?

MP -Ainda quero voltar para o espaço e é provável que isso aconteça nos próximos anos. Algo também que sempre sonhei e que percorre toda minha trajetória é ajudar a desenvolver no Brasil uma Educação de qualidade e uma maior valorização dos setores científicos e tecnológicos, com aplicações práticas no dia a dia da economia e qualidade de vida. Só com a Educação poderemos transformar a Terra num lugar mais justo para todos. Tenho uma Fundação que é um dos meus orgulhos e trabalha para alcançar esses ideais. OP

www.marcospontes.com
youtube.com/conexaoespacial
astronauta.marcospontes

Márcio V. Teixeira

Uma análise quantitativa dos

Contatos e Abduções

Parte 1

A utilização de estudos quantitativos e métodos estatísticos é pouco explorada na Ufologia. Ela é ideal para evitar achismos e indicar tendências que podem ser comprovadas (ou não) de forma mais séria e científica.

Fábio Gomes

A suposta presença de seres de outros planetas nos visitando é algo que mexe com o imaginário das pessoas. Sempre fomos ávidos por saber coisas que vão além das nossas vidas cotidianas e que nos surpreendam de alguma forma, e pensar que há seres de outras paragens nos visitando é deveras atraente. Para responder a essa demanda, há cerca de 70 anos surgiu a Ufologia, que é um tipo de conhecimento específico que acabou por reunir elementos da ciência, da espiritualidade e da filosofia. O foco deste ensaio (e também da revista OVNI Pesquisa) é tratar o fenômeno ufológico exclusivamente sob o prisma científico, e ao contrário do que se imagina as possibilidades nesta seara são imensas. Há diversas formas de tratar o assunto com o dito rigor científico, mas até hoje pouco foi explorado nesse sentido.

Uma das formas que podem auxiliar a construção de conhecimento científico na ufologia é a coleta e análise de dados quantitativos. Esse trabalho pode ser feito de duas formas: a primeira é através da realização de pesquisas de opinião, com questionários estruturados abordando perguntas específicas sobre o tema; a segunda é através de compilações de dados coletados nas investigações de casos ufológicos, e é isso que trataremos neste artigo.

Sabe-se que muitos ufólogos fazem compilações de dados de eventuais avistamentos e contatos mais próximos com supostos discos voadores e alienígenas, a partir de relatos de pessoas que afirmam vivenciar esse tipo de experiência. Porém não se consegue vislumbrar o passo seguinte, que é o tratamento das variáveis, o processamento dos dados e a análise dos resultados. Isso se deve muito provavelmente ao fato de que o trabalho de tratamento de dados quantitativos é altamente especializado, e somente quem tem algum tipo de experiência profissional na área consegue desenvolvê-lo satisfatoriamente. Isso também acontece com outras abordagens ditas científicas na Ufologia, e a presença de físicos, astrônomos, biólogos, matemáticos, estatísticos, sociólogos, psicólogos (entre outros) de formação faria muita diferença. Se alguns desses profissionais forem renomados, seria uma contribuição maior ainda. Pode-se suspeitar que algumas pessoas com esse perfil possam se interessar em contribuir, mas temem por suas carreiras, uma vez que a Ufologia virou uma colcha de retalhos sem controle. É isso o que a OVNI Pesquisa pretende mudar.

> **Através desses dados podemos concluir algo relevante sobre o fenômeno ufológico como um todo?**

Uma iniciativa em relação à compilação de dados quantitativos, visando maior clareza do fenômeno ufológico é a que veremos a partir de agora. Um livro chamado "Dois Séculos de Mistério: Ovnis e Contacto com Extraterrestres", de Robert E. Bartholomew e George S. Howard (Bertrand Editora, 1998) é o guia para este trabalho. Nele, há 205 casos de supostos contatos

e abduções, ocorridos entre 1906 e 1983. A obra tem uma visão extremamente crítica e cética sobre o fenômeno OVNI, o que de certa forma contribui para a precisão e acuracidade dos dados levantados. Esses dados foram transformados em um banco de dados, com inúmeras variáveis a descrever, como data, tipo de objeto avistado, número de pessoas envolvidas, entre outros. As informações das variáveis que não estavam no livro foram obtidas em uma pesquisa adicional pela internet.

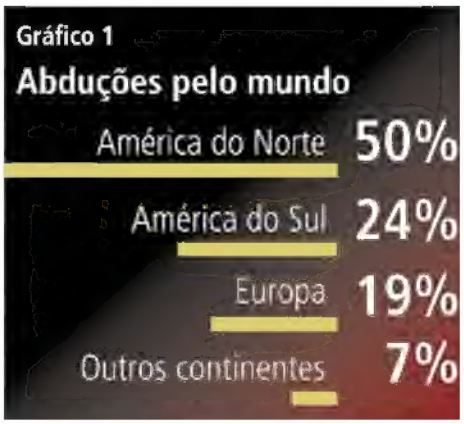
Mas o que esses dados nos dizem? Quais tendências podem nos indicar? Duzentos e cinco casos de abduções e contatos são representativos de um universo vasto de relatos como a Ufologia? Algumas informações que são do "senso comum" da Ufologia se confirmam nesta pesquisa? Através desses dados podemos concluir algo relevante sobre o fenômeno ufológico como um todo? As respostas a estas perguntas certamente contribuem para o avanço da compreensão ufológica de forma direta, e sem achismos. Este trabalho ajuda a direcionar alguns nortes e a indicar outros caminhos que necessitarão de estudos mais aprofundados.

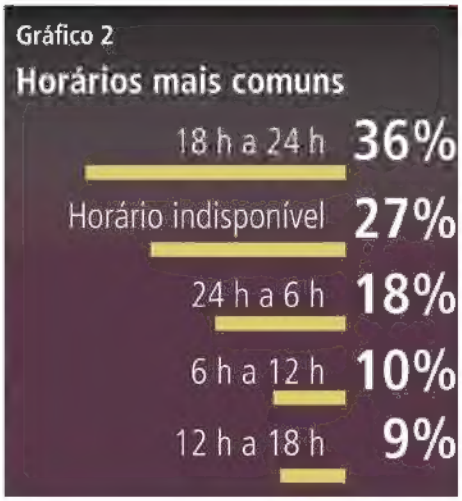
É importante pontuar, neste momento, que o número de casos compilados é suficiente para indicar o que pode ser chamado de "grandes números". As tendências indicadas nos duzentos e cinco casos, de acordo com a estatística, não serão revertidas com facilidade, mesmo se forem compilados milhares de casos. Por exemplo: um dado que tenha 30% de incidência neste estudo certamente terá mudança em sua porcentagem se fossem compilados dois mil casos, porém essa variação não transformará essa incidência radicalmente; de acordo com a teoria estatística, há 95% de probabilidade que esse número não seja menor que 23% ou maior que 37%, mesmo com dois mil casos inseridos no banco de dados. Portanto, enquanto tendência, podemos aproveitar esse estudo com significativo grau de confiabilidade.

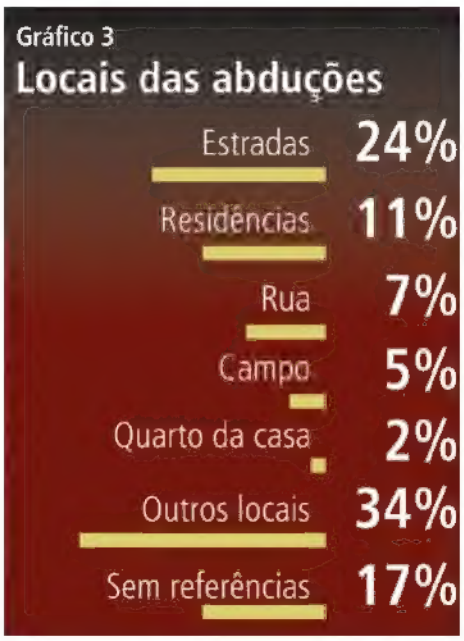
Claro, nada impede também que mais casos sejam compilados à atual base de dados, aumentando a amostra e reforçando ou refutando hipóteses, e é isso que será feito no futuro. Neste artigo será divulgado o que já foi descoberto até o momento.

Nesta primeira parte do artigo focaremos no cenário ao qual houve os supostos casos de abduções e contatos, de acordo com os relatos dos que alegam tê-los experienciado. Na próxima edição falaremos de detalhes específicos desses contatos.

Iniciemos com a questão geográfica. Os casos englobam todo o planeta, em especial países onde a atividade dos ufólogos é ativa e dinâmica, afinal não existe o relato ufológico sem um pesquisador para coletá-lo. Considerando sempre a base do total de casos pesquisados a partir de nossa fonte, 50% dos relatos estão concentrados na América do Norte (sendo 39% nos EUA), 24% na América do Sul (sendo 12% no Brasil) e 19% na Europa. Os 7% de relatos restantes estão distribuídos pelos outros continentes. Aqui no Brasil, praticamente metade dos casos compilados a partir do livro são de casos estudados nos estados de Minas Gerais e São Paulo.







Em relação ao horário em que ocorrem esses casos, a maior concentração ocorre no período noturno, entre 18h e meia-noite; 36% dos relatos indicaram essa faixa de horário. Outros 18% apontam ocorrência durante a madrugada, entre meia-noite e 6h da manhã; 10% ocorrem entre 6h da manhã e meio-dia e 9% dos relatos mostram o período vespertino, entre meio-dia e 18h. Dos casos coletados, em 27% essa informação não está disponível. Portanto, podemos partir da premissa de que o período noturno, incluindo noite e madrugada, é onde ocorre uma maior incidência de contatos e abduções com seres alienígenas, de acordo com os relatos de pessoas que alegam esse tipo de experiência.

Outra informação de relevância para quem estuda os fenômenos ufológicos é relativa ao local onde ocorre esse fenômeno, sempre de acordo com os relatos de quem afirma ter vivenciado contatos e abduções. Foram citados vários tipos de locais, sendo "estrada" o mais mencionado, com 24%. Outros bastante citados são "Residência" tem 11%, seguido de "rua", com 7% e "campo", com 5%. As "visitas" de dormitório (situação específica na qual há o relato de que a pessoa é examinada por eventuais seres alienígenas no próprio quarto de casa) tem 2% das menções; 34% referem-se a outros locais e 17% dos casos analisados não contém essa informação.

Em muitos dos casos ufológicos que são publicados na literatura especializada, há o relato, por parte de quem o alega ter vivenciado, de que a comunicação com eventuais seres alienígenas é feita através do chamado contato telepático, portanto sem a necessidade de uma comunicação verbal. De fato, 30% dos casos presentes neste estudo corroboram esse detalhe. É importante ressaltar que, de acordo com esses relatos, em todos os casos não envolvendo telepatia os eventuais seres se comunicaram no idioma pátrio do seu interlocutor humano.

Em relação ao eventual formato dos objetos (naves) nos quais esses supostos seres se locomovem, temos a informação em 67% dos casos, sendo que destes em 23% o objeto descrito é em forma de disco; 9% corresponde a um objeto esférico, 8% em formato oval, em 3% o formato é de charuto, 3% em forma de cúpula e 12% são de outros formatos. Em 9% dos casos não foi percebida a presença de uma suposta nave.

Na próxima edição de OVNI Pesquisa mostraremos mais dados descobertos em relação aos contatos e abduções pesquisados, além de tecer algumas hipóteses e conjecturar ideias que podem ajudar no estudo dito científico do fenômeno ufológico. OP

Dois Séculos de Mistério: Ovnis e Contato com Extraterrestres
Robert E. Bartholomew e George S. Howard (Bertrand Editora, 1998)

Fábio Gomes
faaugo@hotmail.com
fagomes1975

O Brasil é um dos paises com o maior número de observações de OVNIs do mundo.

A presença de objetos voadores não identificados é uma realidade e merece ser pesquisada de forma séria e objetiva.

Assine a revista OVNI Pesquisa.
Luz aos fatos, está é a nossa proposta!

OVNI PESQUISA Brasil

Seja um anunciante!

www.ovnipesquisa.com.br